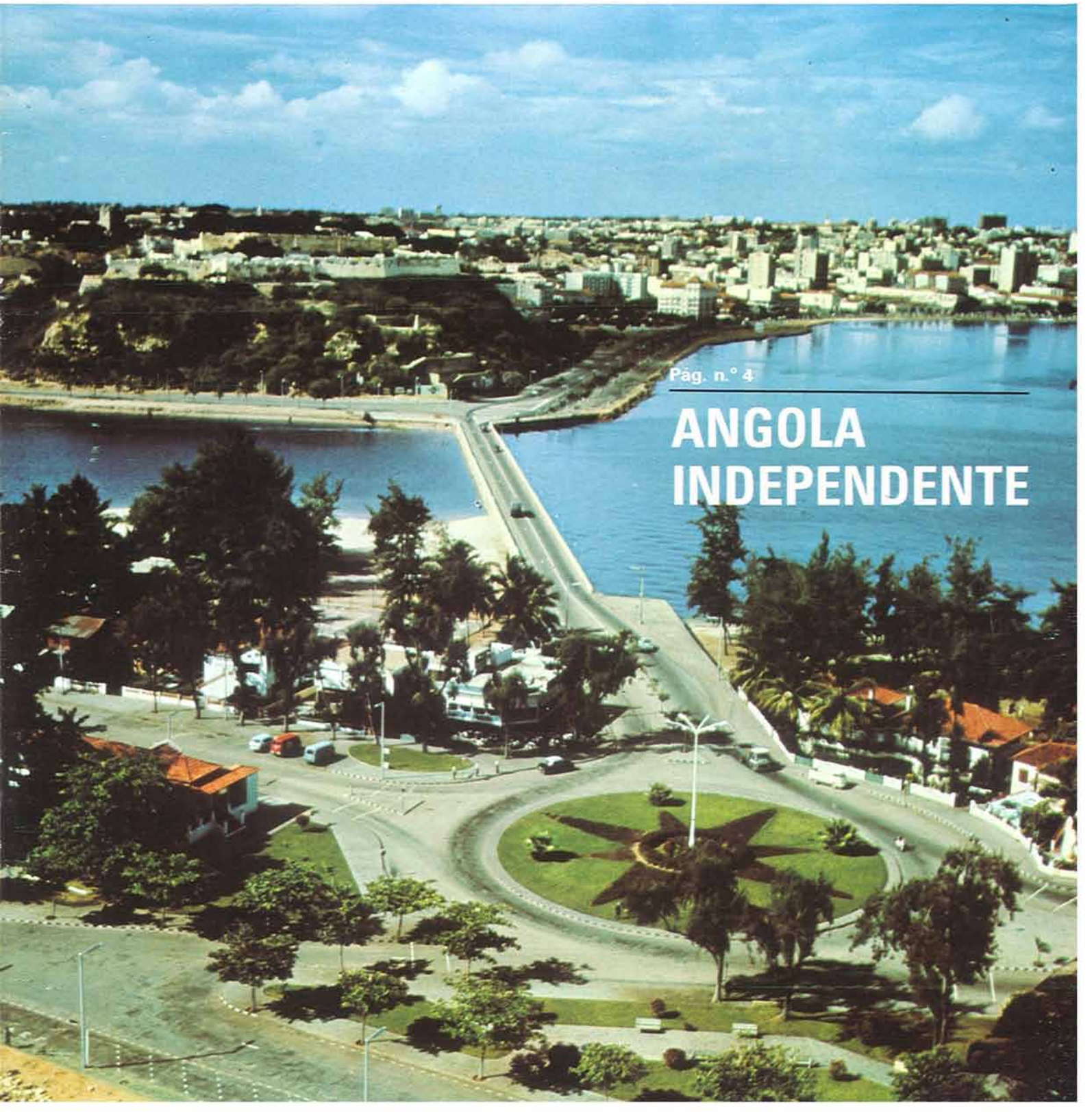
N.º 51 / DEZEMBRO 1975 / ANO V

revista da ARMADA

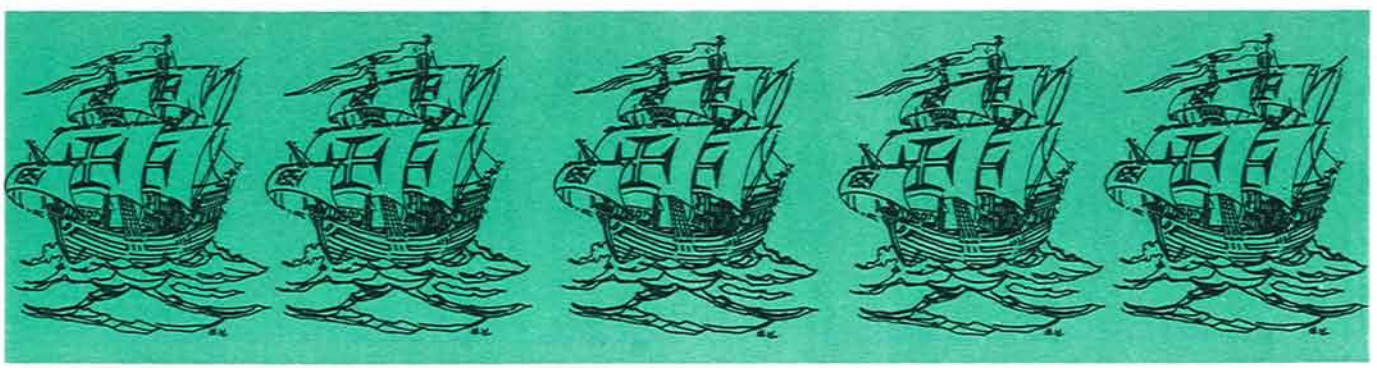


Pág. n.º 4

ANGOLA INDEPENDENTE

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
Redacção	**Angola Independente** – Um Novo Estado	4
	MFA da Armada – Comunicado da Comissão Coordenadora	5
H. Bonjour	**Soneto de Amor**	5
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Arte da Grécia Antiga através da Escultura	6
S. Elpídio/M. Horta	**Saibam Todos**	9
M. do Vale	**A Suíça e a sua Milícia**	10
Vários	**Voz da Abita**	13
M. Ferreira	**Por todos os Mares...**	14
M. Horta	**Notícias Pessoais**	17
L. Vilarinho	**As Grandes Marinhas**	18
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	23
G. Brandão	**Filatelia**	24
M. Horta	**Desporto**	25
S. Elpídio	**Reportagem**	26
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 51 / DEZEMBRO 1975 / ANO V

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

LUANDA – a maravilhosa capital de Angola – vista do lado da ilha.

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

Disciplina Consentida

Há 44 anos que sirvo a Armada e nunca cá conheci outra espécie de disciplina, embora mal compreendida por alguns.

A guarnição de um navio é como uma orquestra que só é boa se cada um dos seus componentes o for também. Basta que um desafine para estragar o conjunto. Nos navios, porém, o caso é mais sério. Quando alguém «desafina» põe em perigo, não só o próprio navio, como todos os que vão lá dentro... Por isso, é indispensável que se viva um clima de confiança mútua e haja a certeza que as ordens são transmitidas e cumpridas sem desvios nem hesitações. Cada um no seu posto tem, em dado momento, a sorte do navio e a vida dos companheiros nas mãos. E isto é verdade para todos os escalões da hierarquia desde o comandante ao marinheiro, passando pelos oficiais e sargentos. Não é verdade que um descuido dum homem das máquinas pode pôr o navio em perigo? E do homem do leme? E do vigia? E do radarista?... Até a ronda, ao transmitir mal uma ordem, pode provocar uma catástrofe.

Daí, que na Armada todos nos compreendemos, todos somos igualmente úteis, todos nos tratamos com consideração e respeito.

E daí ainda, que cada um cumpra o melhor que sabe e aceite a disciplina porque reconhece que sem ela... uma orquestra poderá não prestar mas, um navio pode ir mesmo ao fundo!

Com.

Angola Independente – um novo estado

Ao terminar o dia 10 de Novembro, Portugal, através do seu Alto-Comissário, proclamou a transferência da autoridade administrativa que conservava em Angola para o povo angolano que, nesse momento, ascendia juridicamente à situação de Nação independente. Dilacerada por lutas fratricidas, após tantos anos de guerra conjunta pela liberdade, o acto solene, que publicamente haveria de vincular tal transferência, não pôde ter lugar por impossibilidade política de concretização. No entanto, o povo angolano (esse povo martirizado que terá ainda que lutar por uma verdadeira independência nacional, se quiser e puder emergir da onda de voracidade e cupidez que pretende abater-se sobre si, incitada pelas riquezas potenciais que o seu território abriga) estremeceu de alegria desde Cabinda ao Cunene, festejando, em muitos casos vigilante e de armas na mão, o fim de um longo período histórico de povo dominado. Angola tem tudo o que precisa para poder ser uma nação florescente. A pobreza do colonizador e não raro a sua falta de capacidade empreendedora e de organização (fomentada também ao longo de 500 anos por dirigentes mal avisados ou até por vezes mal intencionados), não logrou desenvolver o território na proporção das suas potencialidades. Todavia, o povo português – essa gente humilde que deu à terra de Angola o melhor do seu esforço e que ali labutou a par dos naturais, ganhando jus a ser considerada filha dessa mesma terra –, não tem que se envergonhar de nada. Eles também fizeram Angola, ajudaram a erguer as suas ciadades e vilas e a rasgar as suas florestas e savanas, semeando, plantando e construindo. Temerosos das incertezas e contingências da situação política a que muitas vezes até são alheios, deixaram tudo e vieram, trazendo em muitos casos apenas a vida como valor. Aguardam agora que a paz volte às terras ensanguentadas de Angola para regressarem ao trabalho se os dirigentes entenderem que esse trabalho é útil. Até mesmo aquela parte do povo português que, involuntariamente, passou por aquelas terras de armas na mão, conservará uma recordação lisonjeira das suas gentes, dos seus costumes simples, da sua alegria espontânea e ingénua, sem preconceitos e reservas. Recordarão a beleza das suas cidades, a grandiosidade dos seus rios e florestas, a vastidão dos seus planaltos e chanas e a agressividade dos seus desertos e savanas. Os povos de Portugal e Angola esquecerão os ressentimentos mútuos para olharem esperançosos o futuro e desejarem que, no contexto do devir histórico Angola possa ocupar, no coração da África, um lugar idêntico ao que o Brasil ocupa no continente fronteiro. No dealbar da independência, Angola é a nação da esperança!

Viva Angola independente!

Viva o povo angolano!

A Redacção

MFA da Armada – Comunicado da Comissão Coordenadora

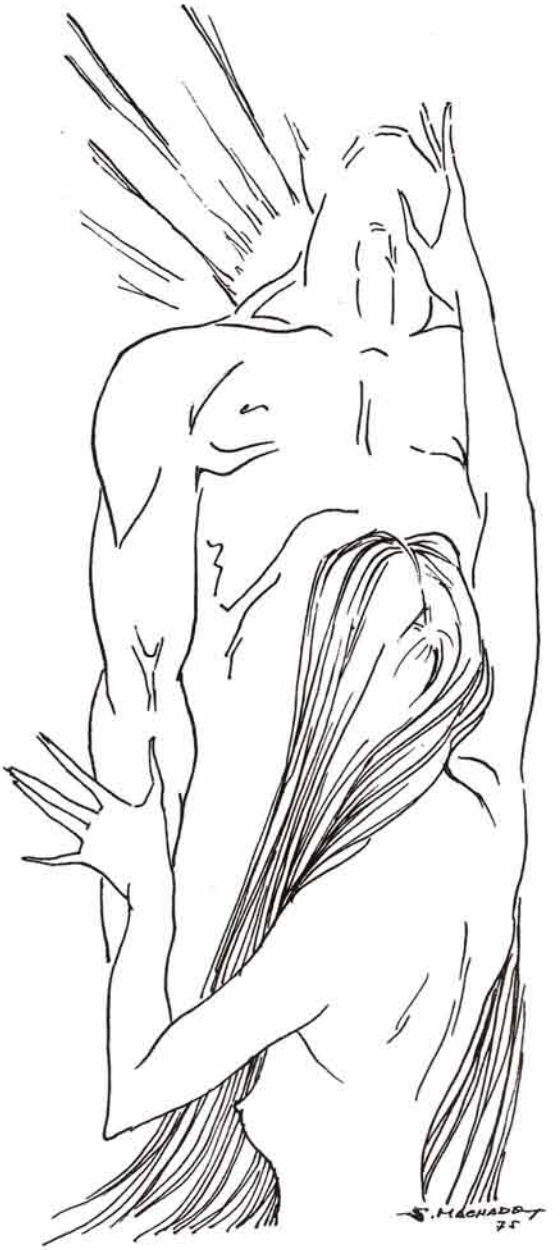
Em recente sessão da Comissão Coordenadora do MFA da Armada foi aprovado um documento-síntese sobre a actual situação político-militar, de que transcrevemos o seguinte:

«1 – PAPEL DAS FORÇAS ARMADAS NA REVOLUÇÃO PORTUGUESA (...) 1.7 Isto significa que, continuando o MFA a ser uma organização aberta a todos os militares que nela queiram participar, se tem que exigir a esses militares uma opção política e de consciência, a favor do socialismo, opção essa que terá que concretizar-se em actos, tanto na sua vida militar como na de simples cidadão.

O MFA atraiçoaria o seu programa e os seus compromissos perante o Povo Português se admitisse que pudessem intitular-se seus elementos, militares conservadores e reaccionários.

Mas todos os militares patriotas, que por imperativo de consciência, por opção política ou outros motivos, não queiram ou não possam pertencer ao MFA, devem encontrar-se na sua carreira militar em situação de estrita igualdade com os militantes do MFA, com inteira salvaguarda dos seus direitos legítimos e a todos garantida as promoções segundo critérios de competência, capacidade e dedicação. A única diferença em relação aos militares revolucionários do MFA é que a estes deve caber uma quota maior de deveres e sacrifícios.

«1.8 Só deste modo e através de uma contínua acção do MFA e dos seus órgãos democráticos no seio das Forças Armadas, estas poderão desempenhar o papel que verdadeiramente lhes cabe na Revolução Portuguesa, recusando-se a transformarem-se de novo em forças politicamente amorfas, ou em simples instrumento de poder político, que só considerarão legitimado, se não trair os objectivos da Revolução. (...)»



Soneto de Amor

Meu amor, meu amigo, camarada
das horas mais amargas e mais duras.
Na dor das minhas veias tu perduras
quando, depois da dor, não resta nada.

Meu sangue! Minha carne deslumbrada!
Meu guia, meu farol nas noites escuras.
Só por dentro de ti há fontes puras
matando minha sede renovada.

Minha taça de vinho, sol e mel,
sementeira de paz na minha pele,
meu oceano imenso e tão profundo!

Que me importa o mundo e o que ele diz.
Se nos teus braços fortes sou feliz.
Se no teu corpo, amor, existe o mundo...

Helena Luísa M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

A arte da Grécia antiga através da Escultura

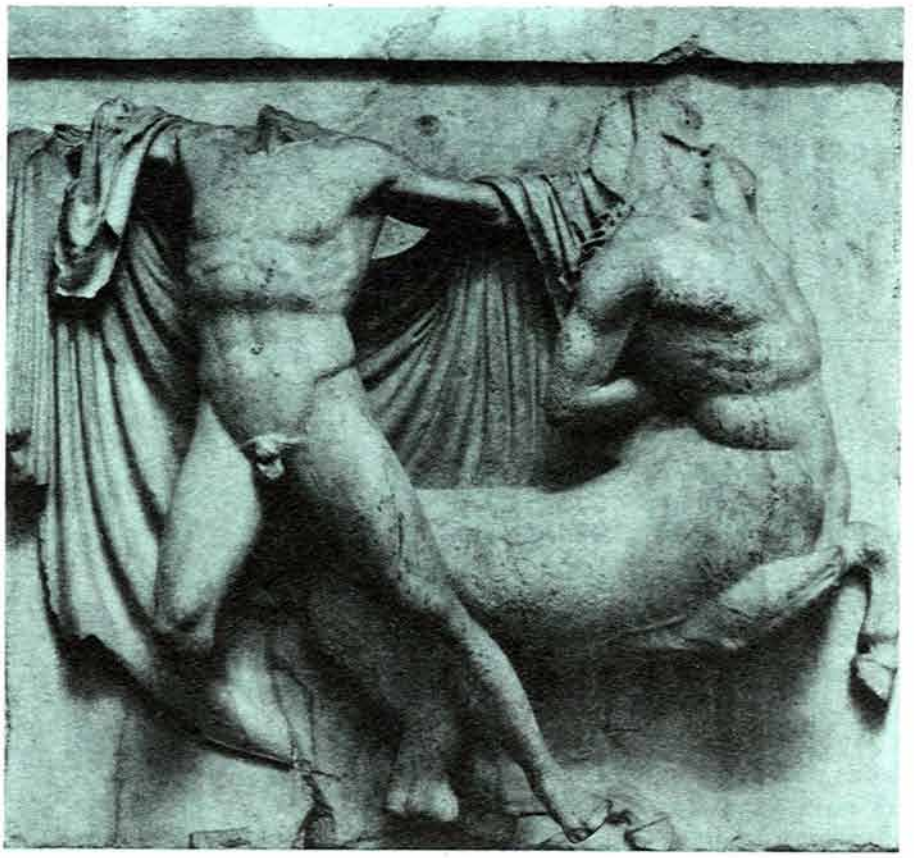
2 – Fídias e a grande época clássica de 450 a 400 A. C.

É a partir de meados do século V antes de Cristo que a arte grega atinge a sua expressão mais elevada. Corresponde à grande época de Pericles e tem como centro de irradiação Atenas. As figuras são tratadas por forma a fixar, pelo gesto e pela atitude, uma vida interior específica, um qualquer instante singular do mais profundo significado; tão profundo que ultrapassa a transitoriedade do tempo e se volve eterno. Há, na nova arte, a preocupação de figurar o que parece impossível de traduzir, de procurar reter o que é transitório e porventura inalcançável, dando ao mármore e ao bronze uma vibração nova que se traduz numa cristalização de vida jamais conseguida. A pedra «anima-se», «fala», «gesticula», «sente», «alegra-se», «sofre»; em suma, comunica-nos uma vida a que o génio artístico conferiu eternidade.

Atenas, que assimilara já o estilo severo, irá, daqui em diante, tomar a primazia em todos os domínios da arte e da cultura. E será na sua Acrópole, verdadeiro altar da arte helénica, que irá florir a grande arte clássica grega, ligada para sempre ao nome de Fídias, o insigne escultor do Parténon – o templo da deusa Atena. Este foi realmente, na opinião dos escritores antigos, o maior génio da escultura de todos os tempos. A estátua do célebre poeta dionisíaco Anacreonte que lhe foi encomendada por Péricles para figurar na Acrópole, revela uma animação e um propósito que conferem à atitude toda a chama que anima o poeta. Anacreonte exulta na declamação dos seus versos, lidos por toda a antiguidade e a figura é dotada de um ritmo que traduz essa embriaguês, quase êxtase, de quem se escuta a si próprio, cantando para o mundo. Atira para trás a curta túnica que o estorvava, para poder acompanhar-se com a lira que infelizmente o tempo arrebatou dos braços mutilados da estátua. Fídias trabalhou em Olímpia e no Parténon, concebendo e executando as majestosas estátuas de Zeus e Atena em marfim e ouro, tidas como as obras mais maravilhosas da estatuária antiga. Da primeira resta apenas a tradição que a classificou como uma das sete maravilhas do mundo e da segunda ficaram algumas réplicas

Anacreonte, Réplica em mármore de uma estátua em bronze de autoria de Fídias, com 1,98 m de altura.

Atena Lémnia. Réplica em mármore de uma estátua em bronze de Fídias, com 2 m de altura.



Combate de um Lápita e de um centauro. Métope n.º 27 do lado sul do Parténon.

de reduzidas dimensões que deixam entrever a portentosa concepção da deusa protectora de Atenas. Foi ainda antes do ano de 450 a.C. que Fídias executou a estátua em bronze de Atena Lémnia. Atena é, nesta versão, a deusa da sabedoria. Foram os colonos da Egeia que a encomendaram para a oferecer à Acrópole de Atenas. Em sinal de admiração foi designada pelo nome de «A beleza». A deusa, na sua frieza calma, apoia-se com a mão esquerda a uma lança enquanto que a direita estende a um feliz contemplado, o seu próprio elmo. Poucas figuras terão o equilíbrio sereno e a harmonia desta belíssima composição. À linha vertical do corpo da deusa – qual suporte de balança – contrapõe-se a linha oblíqua dos braços sopesando à direita o elmo e à esquerda a mão e a lança «mais leves que aquele». Os triângulos cujos vértices são a cabeça, os pés, o elmo e a mão esquerda, são, esteticamente, do mais rigoroso canon artístico.

O Parténon, com as suas 92 métopes e os seus 160 metros de frisos esculpidos e os seus dois gigantescos frontões, constitui a obra máxima de Fídias. Ali trabalharam, sob a sua direcção, uma plêiade de escultores; só o reconhecimento universal do seu génio permitiria que outros artistas, também célebres sem dúvida, como Míron por exemplo, trabalhassem sob as suas ordens. Nas métopes da face oriental do templo são figurados os combates dos deuses do Olimpo contra os gigantes; nesses combates participam Hélios (o Sol) e Selénio (a Lua) com os seus carros de guerra e os seus corcéis. Nos da face ocidental, os Gregos combatem as Amazonas enquanto que nas do sul os Lápitas combatem os centauros nas bodas de Pirítoo. As mais bem conservadas são as do sul. Mostram-nos a forma dinâmica e livre como os escultores souberam arrancar à pedra o movimento, a luta, os choques e a confusão de membros nesses combates ferozes. Os corpos destacam-se praticamente em todo o seu volume e explendor, do fundo da pedra. Os frisos envolvem toda a parte exterior da cela – construção rectangular por dentro da colunata onde era colocada a estátua da deusa e o altar. O tema mais célebre desse friso é o cortejo das Panateneias com os cavaleiros que montam a cavalo, ou que se equipam ou se juntam, num desfile magnífico cheio de movimento e de vida. O cortejo de oferendas é, na realidade, de uma diversidade de temas e figuras espantosa, com carros, animais destinados ao sacrifício, peões, músicos, etc., dirigindo-se para a face oriental junto à qual os sacrifícios tinham lugar. O movimento dos cavalos e cavaleiros é de um ritmo e harmonia tais que ultrapassam a própria natureza. Foi necessário um poder de síntese genial para conferir vivacidade e ritmo a uma sucessão que de outro modo resultaria monótona. Houve que ter em atenção que as figuras eram vistas de baixo e que a sua ilumi-

Detalhe do friso do Parténon. Grupo de cavaleiros.

nação contava grandemente com a luz que se reflectia no pavimento (o estilóbato) onde assentam as colunas exteriores. A impressão é de que ante os nossos olhos os cavalos e cavaleiros passam céleres, num tropel cheio de fogosidade e rapidez.

Os admiráveis frontões do Parténon foram rudemente desmantelados pelo tempo, pelos tremores de terra e pela grande explosão de 1687. Os restos mais significativos que foi possível recolher encontram-se em Londres. No frontão ocidental pontificavam Atena e Poseídon com os seus carros e a sua escolta, enquanto heróis e heroínas do passado mítico grego assistiam, numa surpresa e admiração que os gestos e a atitude traíam, aos milagres que aqueles deuses maiores acabavam de realizar. Com efeito, Poseídon abria, com um golpe do seu tridente, no solo rochoso e agreste da Ática uma fonte de água salgada e Atena, com um toque da sua lança, fazia brotar, na terra infecunda, a oliveira – sinal da riqueza e do explendor dessa mesma Ática. O frontão oriental representava o nascimento de Atena. Todos os deuses se juntaram para assistir ao acontecimento. Atena, a deusa da sabedoria, da cultura e da vitória nasceu da cabeça de Júpiter aberta por um golpe de Hefaístos. Não foi porém esse momento do nascimento físico da deusa que Fídias iria perpetuar na pedra, como muitos pintores fizeram na decoração de ânforas e vasos. Essa composição, com a deusa a sair da cabeça de Júpiter, após o

Pormenor do grupo de cavaleiros.

Pormenor do frontão leste do Parténon. Perséfona, Deméter e Hebea (a Juventude).

Cabeça de cavalo da quadriga de Selénio do frontão leste do Parténon.

golpe de Hefaístos, resultaria sempre bizarra, ridícula e fruste. O génio de Fídias iria ultrapassar essa dificuldade, fixando o instante sublime que se seguiu imediatamente ao nascimento miraculoso da deusa e o efeito que ele produziu em todos os deuses que a ele assistiam. Hélios (o Sol) avança do ângulo esquerdo com a sua magnífica atrelagem trazendo consigo o grande dia. Selénio (a Lua) põe-lhe termo no ângulo oposto; é à sua quadriga que pertence a famosa cabeça de cavalo que se conserva em Londres. Zeus pontificava no centro do frontão. Hefaístos, paralizado de surpresa, olhava para Atena (bela e adulta, armada para a luta contra os gigantes) acabada de sair da fronte de Júpiter e dirigindo-se agora para ele, flutuando no espaço e trazendo a coroa dos vencedores. O espanto comunica-se a todos os deuses que, de pé, sentados ou deitados, consoante o local do frontão onde se encontram, assistem ao acontecimento.

Documentos escritos da época relatam que Fídias dirigiu, sozinho, os trabalhos do Parténon. Nenhum outro mestre, nem antes nem depois, compreendeu e representou tão profundamente como ele os deuses, os heróis e os homens na sua tão singular intimidade, conferindo dimensão humana ao que era divino e projectando no divino a tão assimétrica dimensão humana.

O. Lemos
Cap.-frag.

Saibam Todos

Que os sargentos e praças da Armada do Activo podem ser admitidos aos concursos para ingresso nos cursos da Escola Naval.

Que as condições gerais a que devem satisfazer são as seguintes:

1— Classificação de comportamento não inferior à 2.ª classe.

— Aproveitamento no curso de ingresso na classe a que pertençam.— Um ano de serviço efectivo desde a data da conclusão do curso de ingresso na respectiva classe.

— Idade não superior a 30 anos.

— 1,64 m de altura e aptidão física para a classe a que se destinam.

Que para além das condições especiais no que se refere a habilitações, iguais às exigidas aos candidatos civis, as restantes condições especiais de admissão serão estabelecidas por portaria do chefe do Estado-Maior da Armada.

Que no ano lectivo de 1975/76 e a título excepcional, será apenas exigido àqueles militares documento comprovativo de aproveitamento no curso geral dos liceus ou equivalente.

Que no concurso deste ano foi admitido um marinheiro L.

*

Que o horário de pagamento de comparticipações a beneficiários da Assistência na Doença aos Militares da Armada (ADMA) na 5.ª Repartição da Direcção do Serviço do Pessoal (Bem-Estar), a partir de 3 de Novembro p.p., passou a ser o seguinte:

De 2.ª a 6.ª-feira.

Manhã — Das 10.00 às 11.45 horas.

Tarde — Das 14.00 às 16.00 horas.

Que os beneficiários da ADMA (Assistência na Doença aos Militares da Armada) poderão adquirir medicamentos, nas condições regulamentadas, com 75% de desconto nas farmácias abaixo indicadas, dentro do seguinte horário: segundas a sextas-feiras, das 9 às 12 e das 14 às 19 horas; sábados, das 9 às 13 horas:

— Rua do Arsenal, letra I, em Lisboa.

— DOCAPESCA, em Pedrouços.

Que dentro do acordo estabelecido entre a ADMA e a Direcção-Geral dos Hospitais, os beneficiários da ADMA poderão, nas condições regulamentadas (vide n.º 49 da «Revista da Armada»), utilizar os serviços dos hospitais:

DISTRITO DE FUNCHAL

Hospitais concelhios de Calheta e Machico

DISTRITO DE PONTA DELGADA

Hospitais concelhios de Nordeste, Povoação, Ribeira Grande, Vila Franca do Campo e Vila do Porto.

DISTRITO DE ANGRA DO HEROÍSMO

Hospitais concelhios de Calheta, Santa Cruz, Velas e Vila Praia da Vitória.

DISTRITO DA HORTA

Hospitais concelhios de Lajes do Pico, Madalena, Santa Cruz das Flores e S. Roque do Pico.

*

Que as Escolas da Armada, de acordo com o despacho n.º 90/75, de 22 de Outubro, do CEMA, poderão passar diplomas de aproveitamento escolar nos seguintes cursos:

— Instrução Técnica Básica.

— Cursos de ingresso da classe.

— Cursos de conversão.

— Curso Técnico Complementar ou Profissional.

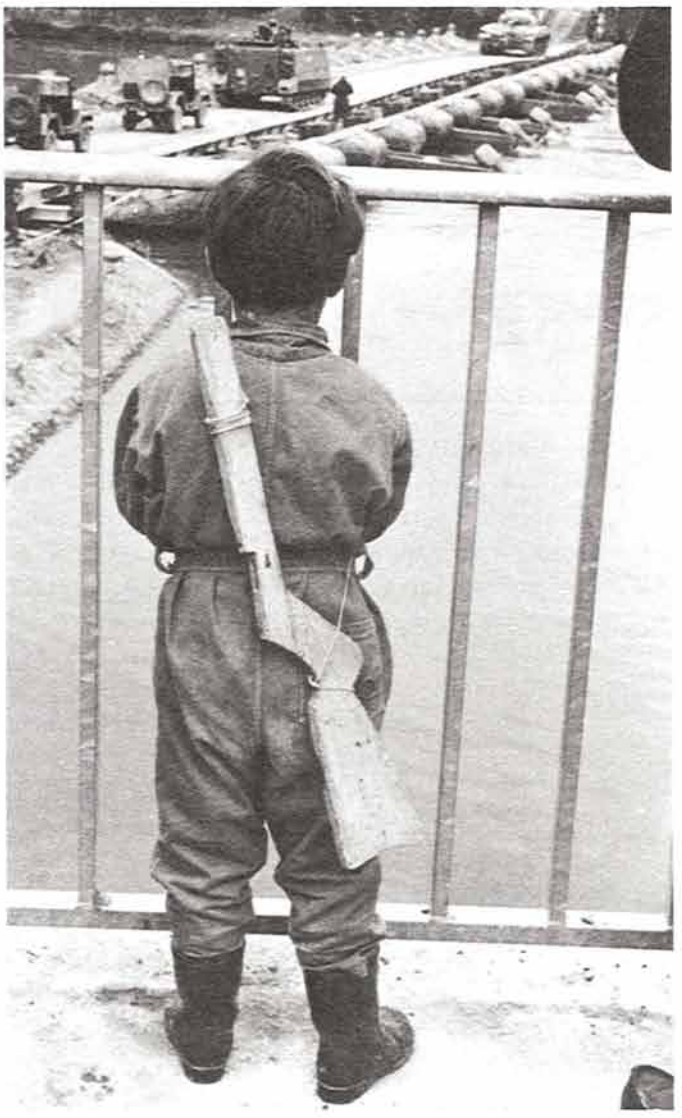
— Curso de Formação de Sargentos.

— Cursos de especialização e de aperfeiçoamento (aos quais corresponde uma melhoria de nível técnico que eventualmente haja que comprovar perante os sindicatos ou outras organizações congéneres civis).

Que o diploma será passado gratuitamente, requerido em papel comum e dirigido pelo interessado ao Comando da Escola, do Grupo de Escolas ou do Comando ao qual a Escola está adstrita, indicando a razão justificativa do pedido.

A SUÍÇA e a sua Milícia

(Tradução livre, de um artigo publicado no «TAM» — n.º 290 de 26 de Junho de 1975, do comodoro M. do Vale. Fotos amavelmente cedidas pela Embaixada da Suíça em Portugal).



Em caso de mobilização ou estado de sítio, todos os militares suíços respondem «juro» ou «prometo solenemente» ao seguinte juramento que lhes é lido: «Os oficiais, sargentos e soldados juram ou prometem solenemente manter-se fiéis à Confederação; dar a sua vida para defesa da Pátria e da Constituição; jamais abandonar a sua bandeira; aceitar estritamente as leis militares; prestar inteira obediência às ordens dos seus superiores; observar uma perfeita disciplina e cumprir tudo o que exigirem deles a honra e a independência da Pátria».

Quando você visita a Suíça, encontra um grande número de soldados e civis transportando armas de guerra. Sabendo que a Suíça é um país neutro, fica naturalmente admirado com o facto. A neutralidade deste povo não é um dogma nem um preceito moral; é a base da existência nacional de um pequeno país, de fracos recursos, para salvaguarda da sua independência. Assim a interpretam os suíços, face aos que a classificam de egoista e estranha.

Para evitar que o seu território sirva a fins militares, a Suíça está impedida de usar a força imediatamente, dado que apenas possui um exército de milícias, em que as obrigações militares são cumpridas na reserva.

Não vamos aqui discutir as vantagens e inconvenientes deste sistema, ainda não provado por uma guerra, nem julgar esta «neutralidade armada» perante uma ameaça nuclear ou uma guerra económica. Seremos antes objectivos, reconhecendo

que, se a Suíça tem os seus antimilitaristas como todos os outros países, os seus habitantes estão fortemente ligados ao exército, que faz parte da sua vida quotidiana. Quer sejam de Zurique, de Berna ou Vaud, quer falem francês, italiano ou alemão, eles são, acima de tudo suíços e muitos dedicam às suas obrigações militares mais tempo do que o que lhe é exigido por lei. As mulheres tomam também parte activa na defesa do país.

UM EXÉRCITO ECONÓMICO, DE PRINCÍPIOS IMUTÁVEIS

Depois da Idade Média — ou quase — «todo o cidadão suíço é obrigado ao serviço militar» (artigo 18 da Constituição Federal).

A partir de 1961, porém, a idade limite das obrigações militares baixou dos 60 para os 50 anos, salvo para os oficiais. A duração do serviço obrigatório é variável segundo o posto, sendo por exemplo, de 330 dias para os soldados, 511 para os cabos, 906 para os tenentes, etc. Todos os anos há um recrutamento de cerca de 30 000 homens (75% dos inscritos são fisicamente aptos para todo o serviço, 10 % para serviços complementares e 15% são declarados inaptos). Mais de 600 000 homens (10% da população) podem ser mobilizados em 48 horas, apesar de não existir nenhuma força permanente. Como militares de carreira apenas há os comandantes de Divisão e de Corpos de Exército, além de 500 oficiais e 1000 sargentos que asseguram a formação dos quadros e a instrução dos recrutas. Todos os restantes militares estão licenciados, nas suas ocupações normais. É um exército federal, como o designa a Constituição, que compreende 4 corpos de exército, dos quais um de montanha, um corpo de defesa aérea, e tropas do exército totalizando 12 divisões apoiadas por 17 brigadas de defesa de fronteira e de defesa de zonas fortificadas alpinas, uma brigada de aviação com cerca de 400 aparelhos de combate e muitos regimentos de infantaria, de engenharia, de transmissões, de saúde, de alerta, de defesa anti-aérea, etc. Esta força militar está sempre pronta para se defender e, em último caso, a destruir todos os objectivos essenciais como pontes, túneis, estações de rádio, aeroportos, etc. Com este último objectivo 17 000 homens estão destinados a activar zonas e infra-estruturas minadas que pululam através do país. Há ainda que juntar a todas estas forças 60 000 homens — armados ou não — do serviço complementar.

As despesas militares constituem 20% do orçamento da Confederação, ou seja, cerca de 2% do produto nacional bruto. Grandes economias são feitas devido à boa vontade dos quadros que realizam graciosamente os serviços administrativos, à receita das taxas anuais dos isentos do serviço e aos modestos soldos pagos pelas unidades. Em contrapartida é atribuída uma indemnização substancial aos militares para compensar a perda de salários durante o tempo de serviço. Esta indemnização é paga por uma caixa alimentada em parte pelas entidades patronais dos militares.

SOLDADO CIDADÃO

Quando atinge a idade de 19 anos, o jovem suíço é convocado para recrutamento. Depois de submetido à inspecção médica e desportiva, e se for declarado apto para o serviço, é destinado a uma arma, de acordo com o seu desejo, a sua formação profissional e as necessidades do exército. Ele escolhe também a época em que fará a escola de recruta (Fevereiro ou Julho dos seus vinte anos), e poderá até, por razões justificadas, avançar ou recuar este período, de um ano. Na devida altura receberá ordem de marcha para a escola de recruta, que frequentará durante 4 meses, tendo livres os fins de semana. Se tiver qualquer problema de família, ou se tiver exames a fazer, pode obter licença especial para o efeito. Em caso de doença superior a 15 dias regressa a casa mas, terá que terminar a instrução noutra época e se a inaptidão for definitiva, passará a pagar taxa militar anual como qualquer isento do serviço. Depois de uma instrução base de 10 semanas fará 6 semanas de formação colectiva no campo, alojando-se em escolas, albergues de esquiadores ou tendas de campanha, após o que volta à escola para mais uma semana de instrução. Assim pronto, o soldado ficará afecto a uma formação determinada do exército e regressa a casa com a sua bicicleta, o seu uniforme verde-cinzento, o seu equipamento, o seu armamento e as respectivas munições. Tudo à mão para qualquer eventualidade...

Em Novembro de cada ano ele consulta os editais para saber em que época vai fazer o seu curso de repetição de 3 semanas (8 vezes em 12 anos). Para o efeito receberá uma ordem

de marcha do seu capitão. Se for condutor, deverá apresentar-se 48 horas antes para se familiarizar com a viatura.
Aos 32 anos passa às tropas territoriais e é incorporado noutra formação com a qual frequentará 3 cursos de 2 semanas durante um período de 10 anos.
Aos 42 anos passa à reserva territorial onde frequenta o seu último curso de 2 semanas. Nos anos em que não presta qualquer serviço é convocado uma vez por ano para inspecção ao equipamento e ao armamento.
Aos 50 anos é libertado das suas obrigações militares e torna-se proprietário do seu equipamento. Se for chamado para promoção terá que prestar serviço por mais tempo, como sargento ou oficial.

SERVIÇO COMPLEMENTAR FEMININO (SCF)

O exército tem necessidade de muitos elementos femininos voluntários e muitos são os que já responderam «presente». Foi em 1939 que começou a instrução das primeiras SCF's e ao longo do ano de 1940 dezoito mil receberam formação necessária e foram incorporadas nas unidades. Toda a suiça, entre os 19 e 40 anos e possuindo as qualidades morais e a aptidão física necessárias pode participar voluntariamente na defesa nacional. A média das idades actuais das voluntárias varia entre os 19 e os 25 anos. Muitas delas são casadas e mães de família. Tal como para o exército, que se baseia no princípio do serviço de milícia, estão previstas prestações de serviço em tempo de paz para o serviço complementar feminino. São 13 dias por ano, durante 7 anos, ou seja, 91 dias no total. Antecipadamente, porém, cada SCF recebe uma formação de 20 dias, no decurso dos quais fica habilitada com todos os conhecimentos técnicos e teóricos necessários à sua tarefa.

As SCF's têm, em princípio, os mesmos direitos e as mesmas obrigações que os soldados mas, não possuem armas. Cada uma recebe um apropriado uniforme azul-cinzento, bem como outro de trabalho, e um equipamento completo. A soldada, indemnização por perda de salário, alojamento, subsistência, seguro, etc., fazem parte dos direitos das SCF's.
Todas as candidatas ao serviço complementar feminino podem escolher o tipo de trabalho que desejam fazer. As possibilidades são as seguintes: Serviço de condutores de viaturas sanitárias, assistência, transmissões, reparação e sinalização de aviões, serviço de alerta, administração, alojamentos, cozinha e correios de campanha.
Só em 1971 a mulher suíça obteve o direito de voto e de eleição e foi talvez a sua participação na defesa nacional que levou os homens a conceder-lhe estes direitos para lhe permitir ser, ela também, «soldado cidadão» no verdadeiro sentido da palavra.

Voz da Abita

Do «Pezinhos», cabo M, recebemos outra carta que transcrevemos:

«Alfeite, 31 de Outubro de 1975.
«Não há dúvida nenhuma que estou cada vez mais rabugento... O facto de já não ir ao mar como dantes, o que para mim era uma autêntica desintoxicação da complicada vida de terra, tem-me tornado pior!
A minha patroa até já diz que assim não está para me aturar e qualquer dia me larga de mão...
«A verdade é que há coisas com as quais não sou capaz de me conformar. Vamos à TV, por exemplo.
«Para um pacato, honrado e pouco endinheirado chefe de família, como eu, a TV poderia ser a grande safa. Sentado num bom cadeirão, de pantufas, bem comido e melhor bebido, ela poderia proporcionar-nos uns serões agradáveis que, de certo modo, compensassem o não ir ao cinema, ao teatro, aos dancings, às casas de fado, aos restaurantes, etc., e nos fizessem esquecer as agruras desta vida... Mas, por mais boa vontade e benevolência com que nos sentemos em frente do «écran», não conseguimos aguentar aquela estopada. É de mais! Filmes do «tempo do arroz de 15» no primeiro programa, repetições no segundo, mesas redondas, conferências, entrevistas, discursos, concertos, bailados... tudo muito bem regado com catadupas de anúncios, é de fazer perder a paciência a um santo!Para mim, ainda o que mais me aborrece são os reclamos. «Audácia de moda jovem»...«Muito pode uma alcatifa»... «Maria lembra-te disto»... «Oh João, mas que estás tu a fazer»... «Mais uma corrida limpa vidros»... Alguns destes anúncios até têm a sua graça mas, repetidos tantas e tantas vezes, acabamos por os não poder ouvir. Ja o nosso rei D. Carlos (?) embirrava com as repetições e um dia até negou o «agrément» ao embaixador de uma república sul-americana só porque ele se chamava «qualquer coisa» Porras e Porras. E explicava: – Não é por ele ser Porras, é... pela insistência».
Muitas pessoas resolvem o assunto retirando o som ao aparelho quando ele começa com os anúncios mas, para mim, o truque não resulta porque como já os sei de cor e salteado, e mesmo sem som estou a ouvi-los!
Se isto não melhorar, para o ano não pago a taxa e... «super poupo» 360 paus».

Do nosso assinante João António Gomes Vieira, dos Açores, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Santa Cruz das Flores, 18 de Setembro de 1975.
«(...) Formulo os meus votos de longa vida da «Revista da Armada», que leio sempre com interesse, pois para um ilhéu, como sou, não poderia deixar de ter uma alma de marinheiro.
«A todos quantos trabalham na vossa simpática Revista, as minhas melhores saudações bem como o meu sincero apreço.
«A Revista da Armada», é uma nau que jamais afundará.»

De Mário dos Anjos Martins, ex-mar. M n.º 2117/71, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«S. Pedro de Muel, 20 de Setembro de 1975.
«Saudações para todo o pessoal que trabalha nessa Revista.
«Como é de tradição, todos os que envergam a farda da Marinha de Guerra, após alguns meses de a deixarem, sentem imensas saudades. Eu, por exemplo, sou um dos que já tenho saudades de conviver com os ex-camaradas que aí arranjei. Mas temos de ser realistas, e eu já passei à vida civil há alguns meses.
«O principal objectivo desta carta é inscrever-me como assinante da «Revista da Armada», publicação que traz até nós, ex-marinheiros, momentos de boa disposição e ajuda-nos a matar saudades. (...)»

De José Joaquim de Freitas Costa, ex-1.º-gr. CM n.º 1822/72, e nosso assinante, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Guimarães, 10-10-75.
«Eu nasci em terra sem mar nem rio e sem saber porquê fui o terceiro dos meus irmãos a servir a Armada.
Hoje, todos em terra novamente, sem ver nem rio nem mar, há uma maneira para poder viver a Marinha: é lendo a «nossa» Revista. Foi a razão que me levou a fazer a minha assinatura.
«Pensava eu que, ao largar a Armada, me esquecia dela. Posso afirmar agora que, quem nela algum dia entra jamais deixará de ser Marinheiro, mesmo vivendo no meio de uma serra.
«Nunca fui «forte» para o mar, mas cada dia lá passado são hoje gratas recordações para mim.
«Eu gostaria, se fosse possível, que me enviassem alguns números atrasados da Revista (...)»

GRALHAS DO N.º 50

O nosso número anterior foi «assaltado» por uma espécie de gralhas detectadas em vários artigos, nomeadamente no concurso n.º 50 e na legenda de uma das fotos publicadas na contra-capa. Do facto, que lamentamos, apresentamos desculpas aos leitores.

Por todos os MARES...

Apesar do encontro marcado há mais de um ano com outros veleiros em Amsterdão e Londres, a nossa «Sagres», após um período de alguma hesitação, largou finalmente de Lisboa a 14 de Julho de 1975 para mais uma viagem de instrução de cadetes do 1.º ano, desta feita do curso «Gonçalo Velho», sob o comando do cap.-m.-g. Fernando Miranda Gomes.
Após um período inicial de conhecimento dos diferentes serviços de bordo os cadetes integrados na guarnição, colmatando as faltas evidentes do pessoal de manobra, começaram a dar a sua colaboração logo à saída da barra de Lisboa.

S. MIGUEL (20 A 24 DE JULHO)

Aproveitou-se a estadia em S. Miguel para treino da manobra de acachapar os mastaréus e dar os últimos retoques na «barca» já que este seria o último porto nacional que escalaríamos até final da viagem.
Os cadetes aproveitariam esses dias para receberem as instruções consideradas essenciais para as funções que iriam desempenhar no serviço de escala de quartos a navegar e de divisões nos portos.
Todavia, com uma boa planificação, ainda sobejou o tempo suficiente para visitar as belezas inconfundíveis da ilha de S. Miguel em especial as Furnas e Sete Cidades, e tomar conhecimento de alguns problemas da sua população.
Após a largada de S. Miguel, rumámos ao Norte no intuito de apanhármos a rota vélica que nos permitisse alcançar Brest com ventos favoráveis. Todavia, a ausência de vento persistiu uma vez mais, e somente o estreitamento de duas isóbaras iria permitir largar pano, muito embora sem conseguirmos mais que 2 nós durante dois dias... E, não fora o auxílio das cartas meteorológicas que facilitaram ao comandante a decisão para a mudança de rumo, saindo em poucas horas dessa zona, muitos dias mais teríamos de permanecer nesse local.

BREST (5 A 10 DE AGOSTO)

Na bruma matinal que se fazia sentir nessa manhã de 5 de Agosto, lentamente e à hora prevista, com o pano forrado, a «Sagres» recebia a bordo a visita do oficial de ligação encarregado de apresentar as saudações de boas-vindas em nome do vice-almirante Petrochilo, comandante da Esquadra do Atlântico. Precisamente às 10 horas da manhã as peças de 47 mm salvavam terra com os 21 tiros da Ordenança. A bateria de terra da ponta de Rose responderia por igual forma.
Após a atracação no porto militar, em local muito próximo da porta principal Tourville, foi possível iniciar o contacto com esta cidade, capital da Bretanha ocidental.
Cidade de 180 000 habitantes, Brest, é simultaneamente uma cidade histórica, um centro de turismo moderno e porto militar e de comércio.
No seu castelo com fundações no antigo campo fortificado romano dos fins do século III, ir-se-ia, posteriormente, nos anos de 1631, por vontade de Richelieu e de Colbert e mais tarde pelo génio de Vauban edificar as fortalezas e a construção do porto militar.
Todavia, os seus magestosos edifícios, construídos no século XVII, seriam totalmente destruídos durante 3 anos de bombardeamentos ao longo da 2.ª Guerra Mundial.
Mas Brest, orgulhosa do seu passado e confiante no seu futuro, foi totalmente reconstruída, sendo nos nossos dias, simultaneamente centro administrativo, comercial e de turismo. O bairro da Universidade, superlotado, é o indício duma população jovem em que 44% tem menos de 25 anos.
Primeiro porto de guerra francês desde Luís XIV, o seu porto militar, servido por um excelente Arsenal, é continuado para o interior da «rade» através dum magnífico porto de comércio com possibilidade de reparação e docagem para petroleiros de mais de 250 000 toneladas.
Quer através da Marinha Francesa (que nos facultou a visita ao Arsenal e Escola Naval), quer através da recepção oferecida pela Câmara Municipal, pudémos verificar o muito agrado pela forma como se revestiu a visita da «Sagres» e de quão grato é para os franceses o «grande veleiro» que é a nossa «barca».

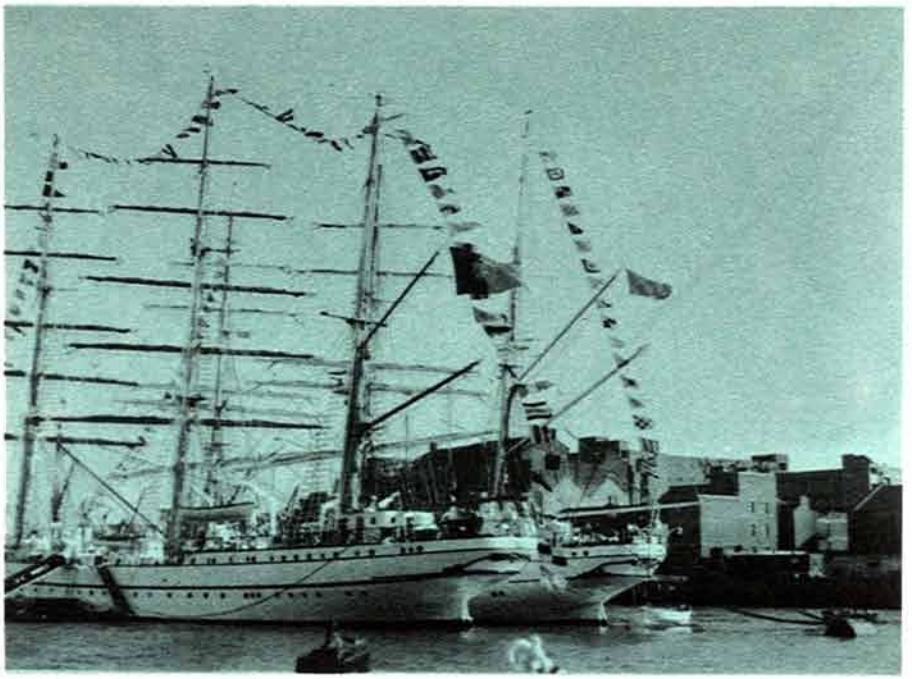
AMSTERDÃO (15 A 20 DE AGOSTO)

Comemorava-se festiva e modernamente o seu 700.º aniversário.
Nos seus múltiplos canais tranquilos e nas terras por onde serpenteiam, muito se pode intuir da história e da luta do povo holandês, não só pela constatação das áreas conquistadas ao mar, em tempos passados, mas também através do elevado grau de industrialização conseguido em tempos mais recentes.
Inesquecível a entrada no Canal de Amsterdão até ao porto interior, não só pelo espectáculo que constitui a multidão ao longo das margens do extenso canal aplaudindo os navios e guarnições (algumas estendidas nas vergas, como a da nossa «Sagres»), mas também pelo pormenor de organização necessária para providenciar a entrada e satisfação de necessidades

logísticas de 460 embarcações à vela incluindo desde os grandes veleiros até aos iates!
Essa pormenorizada organização iria permitir que fosse facultada aos 6000 elementos que constituiam as guarnições as visitas ao Museu Nacional de Amsterdão (riquíssimo em obras de arte as quais se destacam as de Rembrandt), ao Museu de Marinha, a empresas de lapidação de diamantes e sociedades de cerveja, a uma competição de futebol com 4 séries de 3 equipas cada, a regatas de remo e várias recepções.
Constituiu também inesquecível espectáculo a revista naval passada pela princesa Beatriz a bordo do iate real «De Groene Draaeck» com as guarnições dos grandes veleiros estendidas nas vergas, saudando-a com as três vivas da Ordenança. Foi ainda espectáculo, o combate naval nocturno simulado com peças de salva e canhões-miniatura que equipavam os pequenos veleiros, mas que se revelaram extremamente ruidosos.
No dia da largada, a comissão organizadora do «Sailing Amsterdão 700» embarcou na «Sagres» até à comporta, tendo à despedida feito elogiosas referências ao comando do navio pelo aprumo demonstrado pela guarnição e pela forma impecável como o navio sempre se apresentou aos milhares de visitantes que diariamente nos visitaram.
Largámos assim de Amsterdão podendo dizer que dificialmente poderá sentir-se tão grande dedicação pelas coisas do mar, como a que nos revelou o povo holandês nos dias inesquecíveis da nossa permanência.

LONDRES (23 A 30 DE AGOSTO)

Duma forma geral, todos os veleiros que estiveram presentes em Amsterdão dirigiram-se para Londres para o Festival de Vela que aí teve lugar.



A «Sagres» e o «Tovarich», de braço dado no Tamisa.

A nossa «Sagres» de braço dado com o navio-escola da Marinha Soviética «Tovarich» amarrou à bóia nas proximidades da ponte da Torre de Londres.
Apesar disso, foi igualmente notório o número de visitantes que diariamente procuravam no nosso veleiro a descoberta das aventuras vélicas do passado e da calma evasão que estes navios representam nos nossos atarefados dias. A todos foi permitido o conhecimento pormenorizado do navio, sendo de salientar a sua admiração por lhes ser permitido o franco acesso a todos os locais. Bem o mereceram dados os conhecimentos técnicos que na sua maioria revelaram possuir.
Uma perfeita organização permitiu que a todas as tripulações presentes fossem proporcionados passeios em autocarro pela cidade, ao Museu de Greenwich (onde com um pé no hemisfério oriental, outro no ocidental) nos foi possível assistir a uma exposição sobre a evolução da astronomia nos últimos 300 anos. Efectuaram-se ainda diversas regatas no rio Tamisa assim como demonstrações de vela e espectáculos vários. Apesar da ASTO ser uma organização civil, a Marinha de Guerra Inglesa associou-se ao Festival tendo sido estabelecidos contactos com o HMS «President» e «Londonderry».

Todos os veleiros presentes largaram conjuntamente na manhã do dia 30 em direcção ao estuário do Tamisa, o que constituiu novamente inesquecível espectáculo.
O Festival de Vela só terminaria na manhã do dia 31, com a largada de veleiros de 6 países para a regata dos «clipper» no trajecto Londres-Sidney, passando pelo Cabo da Boa Esperança e regressando pelo Cabo Horn.

LENINEGRADO (9 A 15 DE SETEMBRO)

A presença da «Sagres» no Mar Báltico, no Golfo da Finlândia e finalmente atracada em Leninegrado representou evento dificilmente previsível nos últimos anos.
Segunda cidade da União Soviética, construída sobre 100 ilhas localizadas junto da foz do rio Neva, Leninegrado é considerada por esse facto a «Veneza do Norte».
Fundada em 1703 por Pedro «O Grande» no intuito de realizar abertura para o Ocidente, ela foi edificada segundo as concepções arquitectónicas de então, em que maravilhosos palácios são posi-

Navegando à bolina no Mar Báltico.

cionados ao longo dos canais e de largas e rectilíneas avenidas. O antigo Palácio de Inverno dos Czares alberga hoje as inestimáveis colecções do Ermitage.

São também dignas de menção as catedrais de Kazan e St. Isaac. A 30 quilómetros de Leninegrado o palácio de Verão dos Czares com um magnífico parque com numerosas fontes das quais a mais importante, a «Grande Cascata» se debruça sobre o Golfo da Finlândia. Quartel-General alemão durante o cerco à cidade de Leninegrado foi totalmente destruído, tendo sido restaurado, até à data, o interior de seis das suas salas.

Leninegrado foi também o berço do movimento revolucionário. Assim, visitámos o cruzador «Aurora», o Museu de Lenine, o Museu da Revolução Socialista de Outubro e a Casa de Lenine.

Sitiadas durante 900 dias (1941--1944) as vítimas de Leninegrado mortas pelo frio, pelos combates e pelos bombardeamentos foram sepultadas no cemitério de Piskarevo onde procedemos à deposição duma coroa de flores.

Foram estabelecidos contactos com a Marinha de Guerra Soviética. Em todos eles foi notório o elevado grau de disciplina e respeito pela hierarquia. Foram-nos proporcionadas visitas ao Museu Marítimo Militar, à Escola Superior Militar Marítima seguida de almoço para oficiais na camarinha do almirante comandante da Escola e para os cadetes no refeitório geral. Houve ainda um encontro de amizade entre elementos da Armada Soviética e Portuguesa. Por determinação do almirante foi facultada a ida a Moscovo do comandante, 2 oficiais, 2 cadetes, 2 sargentos e 2 praças.

Após a recepção oficial a bordo (única em toda a viagem em que não esteve presente o elemento feminino) foi-nos oferecida uma recepção pelo almirante comandante da Base Naval de Leninegrado, em que desta feita já foram convidados para além do nosso embaixador em Moscovo, o comando, oficiais e cadetes. De salientar que nesta recepção tal como na oferecida na ilha Vissilievski, na residência do almirante comandante da Base, os brindes são feitos no início da refeição e são sempre seguidos dum copo de vodka pura...

Leninegrado é ainda um centro industrial e um dos primeiros centros intelectuais e artísticos da URSS. Sob estes pontos de vista foi-nos facultada a visita a uma empresa industrial e a outra agrícola assim como a ida de oficiais ao teatro e de sargentos e praças ao circo.

Com um programa intensamente preenchido, os reduzidos tempos livres foram ocupados com a rápida aquisição de algumas lembranças nas Berioskas (lojas só para turistas) ou idas ao Hotel Leninegrado único centro de diversão em funcionamento após a meia noite. Dos reduzidos contactos com o povo soviético ficou-nos a melhor das impressões; ter-se--iam conseguido certamente contactos mais íntimos, não fossem as dificuldades surgidas no seu acesso a bordo.

Quer na ida, quer no regresso de Leninegrado a «Sagres» atravessou o Canal de Kiel onde a quietude bucólica das suas margens só foi interrompida quando da passagem sob as pontes que atravessam o canal. É que, mesmo depois de acachapados os mastaréus, a distância do tope do mastro ao tabuleiro da ponte era apenas de 6 pés...

HAVRE (28 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO)

Único porto em que a «Sagres» ao longo de toda a viagem chegou com um atrazo de dois dias motivado por ventos do SW de força 9/10 que se fizeram sentir no Canal da Mancha. Durante alguns quartos o odómetro não chegou a marcar...

Paragem essencialmente para descanso da guarnição e satisfação de necessidades logísticas, bem necessárias já que a farinha havia acabado...

A Marinha Francesa, colocou gentilmente à disposição do navio um autocarro que diariamente fazia a ligação Havre-Paris permitindo assim que grande parte da guarnição tomasse contacto com a «Cidade das Luzes», embora só durante o período diurno.

Dos 85 dias de duração desta viagem, 53 foram passados no mar com a guarnição escalada a 3 quartos e cumprindo as múltiplas, diversas e por vezes arriscadas tarefas diárias que o nosso «três-mastros» exige.

Todavia mercê de espírito de inter-ajuda ainda houve oportunidade para nas horas de folga se proceder a reuniões gerais da guarnição, se disputarem animados jogos no convés (alheios à inclinação da barca e por vezes à regra de que bola fora só no trincaniz...), se realizaram sessões de cinema com dois filmes em que um era obrigatoriamente de «cow-boys», e às crónicas tão bem estruturadas quão bem aceites do «Cabo da Marinha Faz-favor...».

Após ter totalizado cerca de 1300 horas de navegação e percorrendo cerca de 8000 milhas a nossa «Sagres» regressou finalmente a Lisboa em 6 de Outubro depois de lhe haverem sido feitas elogiosas referências em todos os portos, constituindo verdadeira embaixada do nosso Povo no contacto com os outros Povos visitados, as outras Marinhas e até no confronto com os outros veleiros.

Medeiros Ferreira
Cap.-ten.

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

Temos o prazer de anunciar o enlace dos seguintes camaradas, desejando aos cônjuges as maiores felicidades:

Cap.-ten. Artur Manuel da Costa Madeira com D. Maria Estela Reis Dias Alves, em 6-9-75.

1.º-ten. EMQ Alfredo Virgílio Vitorino Dias com D. Maria Bernardete Silveira Pinto da Fonseca, em 3-10-75.

Aspirante Júlio Alberto Xavier de Carvalho Araújo com D. Maria da Graça da Rocha Pereira, em 4-10-75.

Sarg.-aj. FZE Ludgero dos Santos Silva com D. Encarnação Maria Nobre, em 4-10-75.

1.º-sarg. AEA Manuel Veríssimo António com D. Ana Maria Fernandes de Sousa, em 20-9-75.

2.º-sarg. AEA José Venâncio Correia com D. Benvinda Evangelista da Câmara, em 13-9-75.

2.º-sarg. H José Maria Antunes Pires com D. Maria Helena Marques, em 27-9-75.

2.º-sarg. B José Joaquim de Araújo Pereira com D. Maria Purete Gomes, em 14-9-75.

614/66/Mar. T Francisco Raimundo Ferreira com D. Maria Dolores Lopes Vicente, em 14-9-75.

333/73/Mar. C Joaquim António Bilé Meira com D. Ilda de Jesus Gandum Mafra, em 6-9-75.

72/74/Mar. L José Fernando Branco Dores com D. Maria Filomena Anacleto Gomes, em 13-9-75.

PASSAGENS À RESERVA

Sarg.-aj. L António Cabral, em 6-8-75.

Sarg.-aj. A Luís Fernandes, em 26-9-75.

Sarj.-aj. A Francisco Rodrigues Viola, em 7-10-75.

1.º-sarg. A João Bernardino da Silva Cordeiro, em 3-10-75.

1.º-sarg. A António Coelho Cordeiro, em 13-10-75.

1.º-sarg. A António Bolrão Ferreira, em 14-10-75.

1.º-sarg. M António da Encarnação Gravanita, em 17-10-75.

1.º-sarg. CM Zeferino Martins da Costa, em 17-10-75.

1.º-sarg. L Manuel João Rolão, em 17-10-75.

1.º-sarg. CM Carolino Augusto Gonçalves, em 20-10-75.

1.º-sarg. CM Hermínio Lourenço Gomes, em 23-10-75.

1.º-sarg. CM Joaquim Carvalho, em 30-10-75.

756/Cabo E Delfim Ferreira Alves, em 22-10-75.

1761/Cabo TFD Aires do Nascimento Exposto, em 1-10-75.

1907/Cabo CM Augusto Jorge Carvalho, em 20-10-75.

2244/Cabo E Gabriel Lima Simão, em 16-9-75.

2533/Cabo TFH Francisco António, em 30-9-75.

APOSENTAÇÕES

Luís da Encarnação Rodrigues, maquinista-chefe do Q.P.C.P.T.M., em 31-10-75.

FALECIMENTOS

É com desgosto que anunciamos o falecimento dos seguintes camaradas, a cujas famílias apresentamos sentidas condolências:

Cap.-m.-g. ECN António Afonso de Sousa Ribeiro Casais, em 28-10-75.

Cap.-ten. SG RF Firmino Augusto Afonso, em 31-10-75.

1.º-ten. SG RF Júlio Gonçalves, em 3-10-75.

1.º-sarg. L Venâncio Carlos Palma, em 18-10-75.

1.º-sarg. CM RF Francisco Antero Ribeiro, em 1-9-75.

2.º-sarg. CM RF Manuel Vitoriano, em 5-9-75.

2.º-sarg. B RF Eduardo Marcos Prazeres, em 7-9-75.

1202/Cabo M RA Francisco da Cruz, em 20-9-75.

1032/Cabo T RF Miguel Vitoriano, em 5-9-75.

2533/Cabo TFD António do Rosário Botas, em 24-10-75.

1373/73/2.º-gr. FZ António da Silva Ribeiro, em 18-10-75.

2392/74/2.º-gr. FZ Anacleto José Anes Fialho, em 19-10-75.

José da Silva Coelho, faroleiro-chefe do Q.P.C.M.M., em 2-10-75.

Eduardo José de Oliveira Pinto, patrão da costa do troço-do-mar do Q.P.C.P.T.M., em 7-10-75.

AS GRANDES

A MARINHA AMERICANA

A Marinha dos Estados Unidos:

- Um orçamento para o ano de 1975 de 29,56 biliões de dólares;
- Uma esquadra activa de 502 unidades, das quais 117 logísticas;
- Uma Aeronáutica Naval com 6247 aviões, dos quais 2300 de combate;
- 542 000 homens e 742 000 se contarmos com o Marine Corps;
- 66 000 oficiais, isto é, quase o efectivo total da Marinha Francesa, continua a ser a primeira do Mundo e a única que é capaz de fazer sentir a sua força em todos os mares do globo.

A sua componente de dissuasão estratégica compreende 41 submarinos nucleares lança-mísseis (SSBN) de 7 a 8000 toneladas, cada um deles com 16 mísseis balísticos.
Esses mísseis são:

- O «Polaris A2» com o alcance de 1500 milhas.
- O «Polaris A3» com o alcance de 2500 milhas.
- O «Poséidon» com alcance semelhante ao A3, mas dotado duma ogiva com 10 veículos de entrada do tipo MIRV.

Em 1976, haverá 31 submarinos equipados com o «Poséidon». Está em construção o primeiro submarino duma série de 10 SSBN, que terão em imersão o deslocamento considerável de 18 000 toneladas. Estes submarinos disporão de 24 mísseis «Trident I», com o alcance de 4000 milhas.

A esquadra de combate para missões gerais conta com 15 porta-aviões de 60 000 a 85 000 toneladas, um dos quais, o «Enterprise», com propulsão nuclear. Outro porta-aviões nuclear, o «Nimitz» de 90 000 toneladas, foi aumentado recentemente ao efectivo. Entrarão em serviço, em 1980, mais dois do mesmo tipo. A aviação embarcada nos porta-aviões em serviço, anda por cerca de 1200 aviões.
A esquadra de cruzadores lança-mísseis, nome porque são designadas as antigas fragatas, totaliza 28 unidades de 7 a 18 000 toneladas, das quais 5 com propulsão nuclear. Estes navios destinam-se especialmente às lutas anti-aérea e anti-submarina. Estão em construção ou encomendados 5 cruzadores de propulsão nuclear de 10 000 toneladas e a Marinha dos Estados Unidos projecta lançar um programa de super-cruzadores nucleares capazes de superar os mais recentes cruzadores soviéticos.
Se examinarmos agora a categoria dos navios de escolta, isto é, os contratorpedeiros e fragatas (nova designação dos contratorpedeiros de escolta), constatamos que existem 142 unidades, mais de metade de construção recente. Estão em construção ou encomendados trinta super-contratorpedeiros de 7600 toneladas (classe «Spruance»). Estes excelentes navios têm como propulsor turbinas a gás e poderão manter uma velocidade de 30 nós, com mar de força 4, podendo percorrer 6000 milhas a 20 nós.
Por outro lado, para substituir os seus contratorpedeiros e escoltas mais antigos, a Marinha Americana preparou um programa que prevê a construção até 1980, de 56 ex-«Patrol Frigates» (FFG) com 3400 toneladas.
Na categoria dos submarinos de ataque, a Marinha Americana, já não tem navios a Diesel. Os mais recentes dos 69 submarinos nucleares de ataque (SSNA) em serviço são creditados com uma velocidade em imersão superior a 30 nós. Estão em construção ou projectados submarinos mais rápidos ainda, os da classe Los Angeles». Estas unidades terão torpedos filoguiados e uma arma

O cruzador nuclear lança-mísseis CGN 36 – «Califórnia».

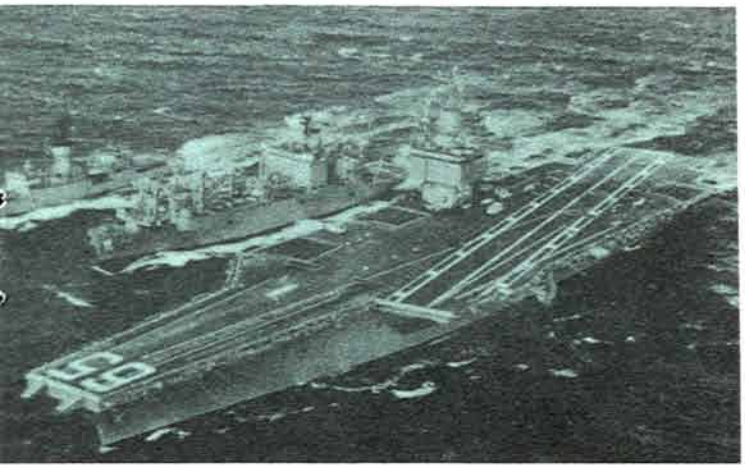
ASW chamada «Subroc». Esta arma compõe-se duma granada nuclear associada a um foguetão lançado pelos tubos lança-torpedos do submarino. A granada tem primeiro uma trajectória submarina, depois aérea, e no fim de novo submarina.O seu alcance é da ordem das 30 milhas.
A esquadra anfíbia representa cerca de 20% da tonelagem da esquadra de combate. A Marinha Americana procedeu nos últimos anos à sua renovação. Em lugar de navios especializados para uma missão bem determinada: LPH para o assalto com helicópteros, LPD para o transporte de material e de pessoal, LST para o transporte de carros de combate, construídos nos últimos anos, orientou-se para duas categorias de unidades:

- Um navio de 40 000 toneladas, o LHA, podendo desempenhar as missões dum LPD e dum LPH. É portanto dotado dum poço para embarcações e duma plataforma para helicópteros. Estão em construção cinco LHA e o primeiro – o «Tarawa» – entrará ao serviço em 1976.
  Estes LST e LHA, cuja velocidade de cruzeiro é, como a dos LPH e dos LPD, de 20 nós, permitirão transportar as unidades do Marine Corps para qualquer ponto com o dobro da velocidade do que anteriormente.

O Marine Corps é uma organização original da Marinha Americana. Tem três missões principais:

- Tomar ou defender as bases avançadas necessárias às operações da esquadra;
- Fornecer destacamentos de segurança para bordo dos navios, para as bases e para as instalações da Marinha em terra;
- Executar todas as tarefas militares que o Presidente dos Estados Unidos lhe possa eventualmente confiar, o que permite

S MARINHAS



O porta-aviões nuclear CVAN –. «Entreprise», o transporte de munições AE 33 «Shasta» e a fragata ASM F 1069 «Bagley».

utilizá-lo em missões várias, fora do quadro das operações puramente navais.

Os seus efectivos atingem 120 000 homens; no plano material representa 400 aviões de combate, 600 helicópteros de transporte ou de assalto, 300 carros de combate, etc.

A esquadra logística destinada a apoiar as forças de combate e anfíbias compreende todos os navios aptos para o reabastecimento no mar em combustíveis, carburantes, víveres, munições e sobressalentes, assim como os navios-oficina, os navios-mãe de submarinos e de contratorpedeiros, etc. Tudo isto representa mais duma centena de unidades sempre em armamento, que asseguram à Marinha Americana uma mobilidade inegualada.
As forças desta Marinha estão, duma forma geral, distribuidas em duas partes iguais, uma no Pacífico e outra no Atlântico. Estão atribuídas principalmente aos comandos do Pacífico, do Atlântico e da Europa, que são grandes comandos inter-armas.
A esquadra do Pacífico articula-se em dois grandes comandos:

- A Sétima Esquadra (QG em Yokosuka), cujo teatro normal de actuação é o Pacífico Ocidental, é a esquadra operacional mais importante do mundo com as suas 60 unidades, das quais 3 porta-aviões. Destaca de tempos a tempos uma «task force» (TF) para o Oceano Índico, desde a guerra do Kippur. Esta TF reforça o pequeno destacamento chamado Midle East que a Marinha Americana mantém no Golfo Pérsico (QG em Bahrein);
- A Terceira Esquadra com o QG em Pearl Harbour e a missão principal de defender os acessos ocidentais aos Estados Unidos, serve de reserva à 7.ª Esquadra e assegura a instrução operacional das unidades.

As bases principais da Esquadra do Pacífico são San Diego e Pearl Harbour. Dispõe de pontos de apoio em Guam, Subic Bay (Filipinas) e Yokosuka no Japão. No Oceano Índico, está em preparação um ponto de apoio anglo-americano em Diego Garcia, uma ilhota do arquipélago britânico dos Chagos.
No Atlântico, a Esquadra articula-se em dois grandes comandos operacionais:

- A Sexta Esquadra, cujo teatro de actuação é o Mediterrâneo e para tal está atribuída ao CINCUSNAVEUR, um dos comandos subordinados do European Command, com sede em Londres.
- A Segunda Esquadra que constitui a Força Naval de Ataque (Strikeforce) do Comandante em Chefe do Atlântico (CINCLANT) que é também o «Comandante Aliado Supremo» (SACLANT), na OTAN. A 2.ª Esquadra não pode adquirir a sua eficácia operacional completa senão dentro de alguns dias, e serve normalmente de reserva onde se vão buscar os navios da 6.ª Esquadra e os da Middle East Force.

A base principal da Esquadra do Atlântico é em Norfolk; Charleston é a dos SSBN e SSNA que dispõem dos pontos de apoio avançados em Holy Loch e Rota.
O potencial da 6.ª Esquadra é em média duma vintena de unidades de combate de superfície, das quais dois porta-aviões, além de cinco SSNA e 5 a 6 navios anfíbios, apoiados por uma dezena de navios legísticos e auxiliares.
A 6.ª Esquadra dispõe de certas facilidades, tanto em Espanha (Rota), como em Itália (Nápoles, Gaeta e La Maddalena) e na Grécia (Suda e Eleusis a ser evacuadas em breve).

COMPOSIÇÃO DA MARINHA AMERICANA

Tipos	Em serviço		Em reserva		Total
	Atlântico	Pacífico	Atlântico	Pacífico	
Submarinos nucleares lança-mísseis (SSBN)	29	12			41
Porta-aviões	7	8			15
Cruzadores lança-mísseis	19	14			33
Cruzadores	1	1			2
Contratorpedeiros lança-mísseis	17	22			39
Contratorpedeiros	20	12	21	14	67
Escoltas	31	33			64
Submarinos nucleares de ataque (SSNA)	39	24			63
Submarinos clássicos	2	10			12
Navios anfíbios	31	34			65
Navios logísticos	65	54			129

O petroleiro abastecedor AOE 4 «Detroit».

A MARINHA SOVIÉTICA

A Marinha Soviética deve ao almirante Gorchkov, que preside aos seus destinos desde 1962, o ter-se guindado ao segundo lugar na hierarquia das grandes Marinhas. Mas, se segue a Americana quanto à tonelagem, não é ainda o que se pode chamar uma marinha equilibrada em todos os meios de que dispõe.

O cruzador lança-mísseis «Groznyi».

Os seus pontos fortes são a sua frota de submarinos, a maior que em tempo de paz se reuniu sob uma só bandeira, e a importância que é atribuída na maior parte das suas unidades de combate aos mísseis superfície, alguns dotados com uma carga nuclear.
Os pontos fracos são, até entrarem ao serviço os porta-aviões em construção, a falta de qualquer cobertura aérea. Por outro lado a sua frota logística não está ainda completamente adaptada às novas missões oceânicas da Marinha. Esta, além disso, poderia sofrer de falta de pessoal qualificado apesar dos esforços feitos neste campo, de acordo com o velho adágio que diz que se pode construir uma esquadra em poucos anos, mas que a formação duma verdadeira Marinha leva tempo.
O pessoal da Marinha Soviética atinge cerca de 450 000 homens. Os recrutados fazem 3 anos de serviço militar, enquanto que nas outras Forças Armadas e na Aeronáutica Naval o tempo de serviço é de 2 anos.
Finalmente, a Marinha Soviética é grandemente desfavorecida pela geografia que a obriga a repartir as suas forças por quatro teatros diferentes: Báltico e Mar Negro, mares interiores cujos acessos a águas abertas são dominados por potências da OTAN; Oceano Ártico e Pacífico Norte com condições climáticas duras, embora em certas regiões (costa de Murmansk e costa Oriental do Kamchatka) a navegação se faça sem entraves de maior.

A força submarina soviética atinge cerca de 400 unidades, com mais de 120 dotadas de propulsão nuclear. Entre estas últimas conta-se com um mínimo de 45 equipadas com mísseis balísticos. Nesta categoria as unidades mais recentes pertencem às classes «Yankee» (Y) e «Delta» (D).
Os primeiros são submarinos de cerca de 7000 toneladas, com 16 mísseis de 1300 a 1500 milhas de alcance que podem ser lançados em imersão como os «Polaris» americanos e os MSBS embarcados nos «Redoutable» franceses.
Os «Delta», deslocando 14 000 toneladas em imersão, são os maiores submarinos estratégicos actualmente ao serviço. Podem fazer actuar 12 mísseis de 4200 milhas de alcance com uma carga máxima nuclear avaliada num megatone. Os mais recentes submarinos de ataque nucleares não ficam a dever nada aos seus homólogos ocidentais e alguns deles (classe «Charlie») possuem mísseis superfície-superfície lançáveis em imersão, o que dá um certo avanço à Marinha Soviética, visto que nenhum submarino nuclear de ataque ocidental possui sistema de armas análogo.

A esquadra de superfície compreende:

- 2 cruzadores porta-helicópteros ASM, o «Leningrad» e o «Moskva»;
- 18 cruzadores lança-mísseis superfície-superfície e superfície-ar de 6000 a 11 000 toneladas de deslocamento. Os últimos a ser postos ao serviço possuem um armamento formidável sem equivalentes em qualquer marinha;
- 12 cruzadores clássicos de 16 a 20 000 toneladas, dois dos quais transformados em navios de comando da esquadra;
- 50 contratorpedeiros lança-mísseis;
- 40 contratorpedeiros clássicos;
- 180 a 190 escoltas de 500 a 1800 toneladas.

Há ainda a acrescentar uma numerosa «poeira naval»: draga-minas, navios-patrulhas, vedetas lança-mísseis, etc. Os recentes patrulhas lança-mísseis da classe «Nanuchka» estão equipados com 6 mísseis superfície-superfície de grande alcance.

A Aeronáutica Naval, com excepção de algumas dezenas de helicópteros embarcados, está ainda baseada em terra. Totaliza 1200 aparelhos de todos os tipos, sendo mais de metade bombardeiros médios equipados com mísseis ar-superfície de grande alcance e eventualmente com carga nuclear.
Os soviéticos mantêm rigoroso segredo sobre os seus programas de construções novas. Sabe-se, todavia, que há pelo menos dois porta-aviões de convés corrido de 30 a 35 000 toneladas em construção, assim como vários grandes cruzadores da classe «Kara», contratorpedeiros e numerosos submarinos. Calcula-se com efeito, entre 10 a 12 o ritmo anual de construção destas unidades.
O quadro que apresentamos dá uma ideia da distribuição aproximada das unidades da esquadra soviética pelos quatro teatros de operações do Báltico, Mar Negro, Ártico e Pacífico. De há alguns anos para cá o almirante Gorchkov distribui as suas forças navais por todos os mares do globo. É assim que tem actualmente no Mediterrâneo, em permanência, uma esquadra de cerca de 20 navios de combate de superfície, outros tantos navios logísticos e auxiliares e uma quinzena de submarinos. Os navios de superfície provêm, na maior parte dos casos, da esquadra do Mar Negro, enquanto os submarinos são originários da esquadra do Báltico. Estes submarinos ficam no Mediterrâneo 4 a 6 meses.
Os navios de superfície navegam pouco, ficando a maior parte do tempo nos ancoradouros habituais de Alboran, Hammmet, Cytera e Solum. Sabendo aproveitar até ao limite máximo as disposições da Convenção de Montreux, que regula a passagem de navios de guerra estrangeiros nos estreitos turcos, os Soviéticos têm a possibilidade de reforçar muito rapidamente o seu potencial no Mediterrâneo.

Contratorpedeiro lança-mísseis «Sderjannyi».

Submarino nuclear lança-mísseis classe «Yankee».

A Marinha Soviética mantém igualmente destacamentos nas Caraíbas e ao largo da Guiné, assim como uma força naval de composição variável no Oceano Índico. Esta força é constituída na maioria dos casos por unidades da esquadra do Pacífico, mas com a reabertura do canal de Suez ser-lhe-á, sem dúvida, mais fácil recorrer a navios das esquadras europeias.

É de notar que a Marinha Soviética efectuou recentemente um grande exercício aero-naval, cognominado Okean 75, que envolveu 200 navios e se desenvolveu simultaneamente no Atlântico, Mediterrâneo, Oceano Índico e Oceano Pacífico, sendo os movimentos das forças coordenados pelo Estado-Maior da Marinha em Moscovo, sob a direcção suprema do almirante Gorchkov.

COMPOSIÇÃO DA ESQUADRA SOVIÉTICA

Tipos	Ártico	Báltico	Mar Negro	Pacífico	Total
Submarinos nucleares lança-mísseis	35			15	50
Cruzadores porta-helicópteros			2	2	4
Cruzadores lança-mísseis	8		6	5	19
Cruzadores	2	4	3	3	12
Contratorpedeiros lança-mísseis	10	11	15	10	46
Contratorpedeiros	6	10	10	15	41
Escoltas	50	80	75	60	265
Submarinos nucleares de ataque	50			25	75
Submarinos clássicos	100	50	35	80	265
Patrulhas lança-mísseis	15	35	20	50	120

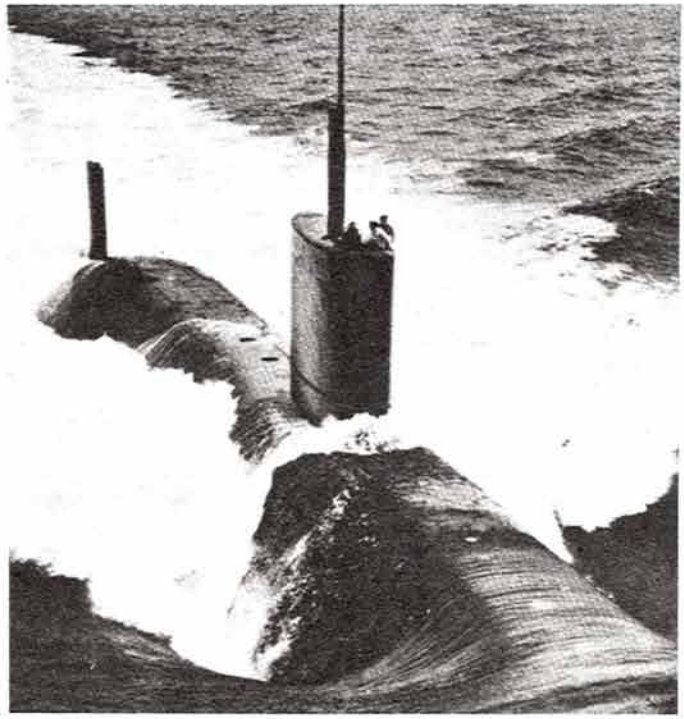
A MARINHA BRITÂNICA

Com 350 000 toneladas de navios de combate e 250 000 de navios logísticos, a Marinha Britânica apenas ocupa hoje o terceiro lugar entre as marinhas mundiais, mas está decidida a conservá-lo.

É composta, como as outras grandes marinhas, de duas categorias de meios: submarinos nucleares lança-mísseis e forças de emprego geral.

Os submarinos lança-mísseis são quatro, mas enquanto nos Estados Unidos, na URSS e em França constituem uma parte do potencial de dissuação, estes submarinos (da classe «Resolution») representam a totalidade do potencial estratégico da Grã-Bretanha.

Construídos com importante ajuda técnica americana, são submarinos de cerca de 8000 toneladas equipados com 16 «Polaris»



O submarino nuclear de ataque HMS «Swiftsure».

fornecidos pelos Estados Unidos, mas com ogiva nuclear de concepção e fabrico nacionais.

Em virtude dos acordos de Nassau de 6 de Abril de 1963, estão atribuídos a uma força anglo-americana posta à disposição da OTAN. O Governo britânico está no entanto explicitamente autorizado a retirá-los desta força se entender que precisa deles para defender os interesses nacionais.

As forças de emprego geral, compreendem:

- 1 porta-aviões de 50 000 toneladas, o «Ark Royal»;
- 2 cruzadores ASM porta-helicópteros;
- Uns 60 contratorpedeiros lança-mísseis e escoltas;
- Uns 30 submarinos de ataque, dos quais 8 nucleares, unidades que nenhuma outra marinha europeia possue;
- 2 porta-helicópteros de assalto;
- 2 transportes de barcaças de desembarque;
- 6 grandes Landing Ship Tanks (LST).

Todas estas unidades são apoiadas por 30 navios logísticos pelo menos que asseguram à Royal Navy uma liberdade de acção es-tratégica à escala oceânica.

Está em curso um importante programa de construções novas. Um pouco demorado, devido às dificuldades económicas, calcula-se que mais de 30% dos seus navios de combate e mais de

O contratorpedeiro lança-mísseis HMS «Bristol».

35% das forças logísticas naveguem fora das águas puramente metropolitanas (Mancha, Mar do Norte, Mar da Irlanda), pois uma das regras de ouro da Marinha Britânica, herdada dos séculos passados, é estar sempre presente nos oceanos.
Os efectivos vão até cerca de 78 000 homens. Mas para serem comparados aos da Marinha Francesa, por exemplo, é preciso lembrarmo-nos que na Grã-Bretanha é à Royal Air Force que cabe a responsabilidade da aviação de patrulha marítima (40 aviões – 5000 homens) e que a esquadra logística e auxiliar é guarnecida por 4500 civis. Além disso, mais outros 8000 civis contribuem directamente para a preparação e manutenção das forças de combate. Pode-se, portanto, na realidade considerar em cerca de 95 000 homens o pessoal da Royal Navy.

COMPOSIÇÃO DA ESQUADRA BRITÂNICA

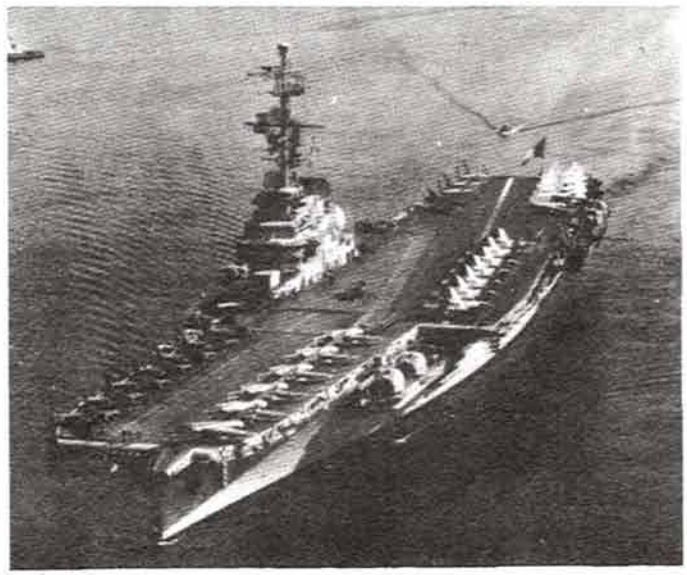
Tipos	Total
Submarinos nucleares lança-mísseis	4
Porta-aviões	1
Cruzadores porta-helicópteros	2
Navios lança-mísseis	9
Contratorpedeiros/Escoltadores de + de 1000 ton.	62
Escoltas/Patrulhas	4
Submarinos nucleares de ataque	8
Submarinos clássicos	21
Porta-helicópteros de assalto	2
Transportes de barcaças de desembarque (TCD)	2
Navios de desembarque de tanques (LST)	6
Petroleiros reabastecedores de esquadra (PRE)	13
Navios de apoio logístico	17
Petroleiros	13

A MARINHA FRANCESA

Com 247 000 toneladas de navios de combate e 96 000 de navios logísticos, a Marinha Francesa ocupa o quarto lugar entre as marinhas mundiais. Compreende duas categorias de meios: os submarinos nucleares lança-mísseis e forças de emprego geral.
Os submarinos nucleares lança-mísseis são três, mais um em experiências e outro na carreira. Um sexto submarino será construído antes de 1985. Constituem o componente principal da força nuclear estratégica de dissuação e têm mísseis superfície-superfície de grande alcance, dotados de ogivas nucleares. Estão em curso estudos para a construção dum submarino nuclear de ataque.
O Parlamento votou já os créditos para um porta-helicópteros de propulsão nuclear que começará a ser construído em 1976.
O núcleo da Força de Intervenção é constituído pelos porta-aviões «Foch» e «Clemenceau». Podem embarcar diversos tipos de aviões e helicòpteros e serão adaptados para receber os aviões Super-Étendard.
Desde que o porta-helicópteros «Arromanches» foi abatido, a Marinha Francesa dispõe apenas dum porta-helicópteros, o «Joanne D'Arc», que está normalmente destinado a missões de instrução. Por isso, um dos dois porta-aviões está previsto desempenhar a função de porta-helicópteros em alternância com o outro.
Como aviões de patrulha marítima a Marinha Francesa dispõe dos Bréguet Atlantic que estão a ser modernizados.
Para equipar as fragatas e corvetas ASW está a considerar-se a aquisição de helicópteros WG13 LYNX de construção franco-britânica.

As forças de emprego geral compreendem:

– 2 porta-aviões da classe «Foch», de 22 000 toneladas;
– 1 porta-helicópteros de 10 000 toneladas – «Joanne d'Arc»;
– 1 cruzador lança-mísseis de 8500 toneladas, o «Colbert»;



O porta-aviões «Clemenceau».

– Cerca de 30 corvetas e escoltadores, de diversas classes, uns predominantemente ASW outros AA;
– 13 submarinos clássicos das classes «Narval» e «Daphné», aos quais se juntarão os da classe «Agosta», em construção;
– Cerca de 20 avisos e avisos-escoltadores das classes «Commandant Rivière» e «D'Estienne d'Orves» (nem todos concluidos ainda);
– 2 navios anfíbios;
– 5 navios de transporte de carros (BDC).

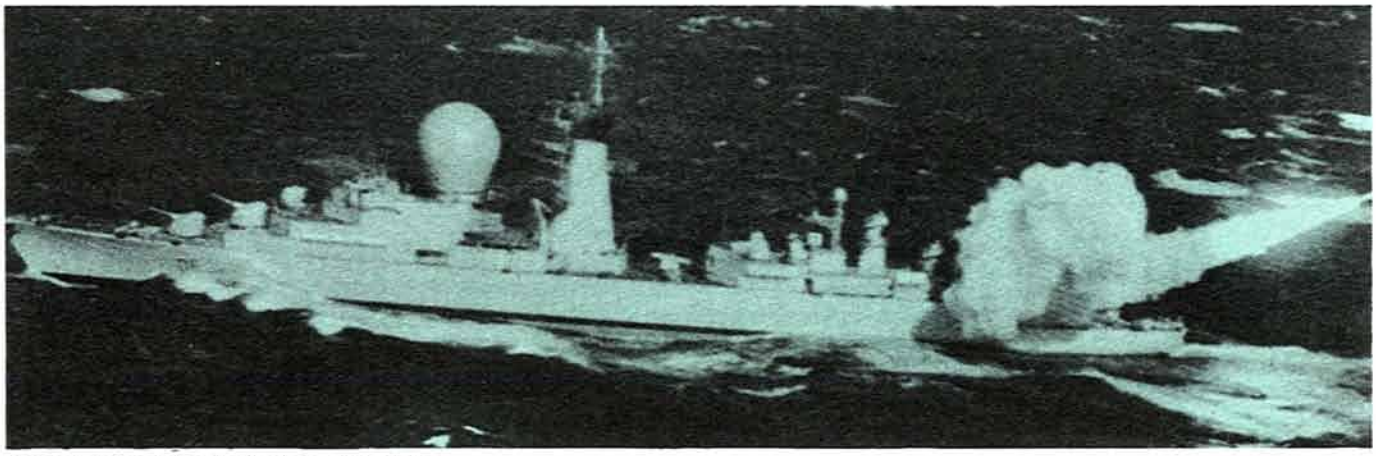
Merecem ainda menção especial cinco caça-minas de 500 toneladas da classe «Circé», construídos em madeira lamelada e dotados de aparelhagem muito moderna, sendo de destacar o PAP (*) («poisson avec propulseur»), instrumento que dispõe duma câmara de televisão.
Outro navio com características especiais é o «Henri Poincaré», de 24 000 toneladas, antigo petroleiro italiano transformado em navio de experiências.
A Marinha Francesa envia ainda para o Oceano Índico unidades de reforço das unidades que aí estão normalmente estacionadas, além de manter dois escoltadores no Atlântico Sul e um na zona Antilhas-Guyana.

Até este ano o grosso das forças de combate da Marinha Francesa tinha base em Brest. Recentemente foi decidido transferir para o Mediterrâneo os porta-aviões e um certo número de navios especialmente aptos para a defesa aérea, como o cruzador «Colbert» e as fragatas «Suffren» e «Duquesne». Para isso concorreram razões operacionais (o facto de não haver nesse mar forças navais de importância pertencentes aos países ribeirinhos, em comparação com as esquadras americana e russa) e razões logísticas (com a entrada ao serviço dos submarinos da Força Oceânica Estratégica, o Arsenal de Brest está a trabalhar em regime de sobrecarga, pelo que será necessário recorrer em maior escala ao Arsenal de Toulon).

A Aeronáutica Naval dispõe de 12 000 homens, mais ou menos um sexto dos efectivos da Marinha e de 430 aparelhos, dos quais cerca de 270 são aviões de linha (combate, ligação, escola e transporte, etc.).

A esquadra logística compreende dois petroleiros abastecedores de esquadra, cinco navios de apoio logístico especializados (armamento, electrónica, etc.) e estão planeadas novas contruções de um e de outro tipo.

(*) Ver descrição no artigo «A Mina nunca será uma arma ultrapassada», publicado no n.º 46 (Julho 75) da nossa Revista.



Fragata lança-mísseis da classe «Suffren».

Os efectivos da Marinha são, a traços gerais:

- 4500 oficiais;
- 26 500 sargentos e aspirantes;
- 38 000 cabos e marinheiros (dos quais 18 800 pertencem ao serviço militar obrigatório).

Cabe ainda à Marinha de Guerra a assistência aos pescadores, quer no Atlântico, no Canal da Mancha, no Mar do Norte ou na Biscaia. Em 1974 estiveram empregadas nesta missão 12 unidades, que actuaram desde os bancos da Terra Nova até ao mar de Barentz.

Tradução livre e adaptação do com. Leal Vilarinho, do «Cols Bleus» n.°s 1371 de 5-4-75 e 1384 de 5-7-75.

Terminologia Naval

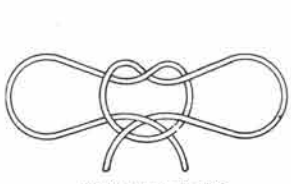
EMBRULHADO – Diz-se do tempo confuso e incerto, nublado e com reduzida visibilidade.

EM OSSO – Navio sem revestimento, só com a ossada.

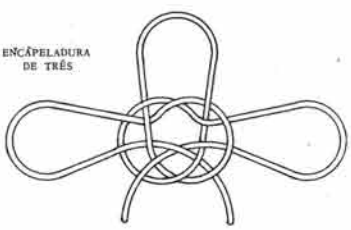
EMPACHAR – Atravancar, encher muito, estorvar.

EMPAVESAR – Enfeitar com bandeiras, embandeirar; designação usada antigamente a significar armar o navio com paveses para o combate.

ENCAPELADURA – Conjunto de dois ovéns formados por um único cabo dobrado de modo a constituir duas pernadas que se abotoam a formar mãozinha que abraça o calcês do mastro. Nó que se faz num cabo que se deseja encapelar e que pode ser de dois ou três seios.



ENCAPELADURA DE DOIS

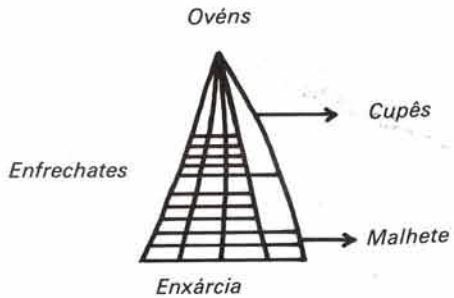


ENCOIFAR – Guarnecer uma bóia com entrançado de cabo a servir de protecção contra pancadas ou roçaduras.

ENCOLAMENTO – Zona do casco do navio em que é maior a curvatura que estabelece a ligação entre o fundo e o costado.

ENFIAMENTO – É uma linha recta que unindo dois ou mais pontos fixos, em terra ou no mar, define a direcção em que se encontra o navio em relação a esse enfiamento. O cruzamento de dois enfiamentos pode dar a posição do navio. A entrada da barra Norte do porto de Lisboa, por exemplo, é dada pelo enfiamento dos faróis da Guia e de Santa Marta.

ENFRECHATES Degraus de madeira ou de cabo nas enxárcias real e de gávea que ligam os ovéns entre si; de cinco em cinco enfrechates, liga-se um ao cupês; o primeiro enfrechate é geralmente um varão de ferro ligado também ao cupês e designado por malhete.



ENFURNAR – Enfiar o mastro pela enora fazendo assentar o pé na carlinga; entrar qualquer objecto por uma escotilha, enfiar, introduzir.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

SELOS DA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

Por razões que desconhecemos, este novo país não emitiu selos próprios para assinalar a sua independência, falta que os filatelistas sempre deploram. Contudo e como em tempos aqui divulgámos, os Serviços Postais do novo País sobretaxaram diversos selos anteriormente utilizados que, naturalmente, em nossa opinião, irão constituir (depois dos que assinalaram o Acordo de Lusaka) a continuação dos selos da nova nação. Por nos parecer de interesse vamos mencionar esses selos respeitando a sua cronologia, reproduzindo dois deles, onde se lê «Independência» e a data de «25 JUN 75». São as seguintes as séries e os valores utilizados: «Borboletas» – $40 e 7$50; «Mapa de Moçambique» – $10 e 20$00; «Desportos» – 2$50, 4$50 e 15$00; «Motivos de Geologia» – 3$00 e 10$00; «Olimpíadas de Munique» – 3$00; «Campeonato Mundial de Vela-Vauriens» – 1$00, 1$50 e 3$00; «Centenário da Organização Meteorológica Mundial» – 2$00; «Inauguração das Estações Terrestres para Comunicação Via Satélite» – $50; «Correio Aéreo 1963» – 3$50, 4$50, 5$00 e 20$00; «Porteados de 1952 – $20, $50, 1$00, 2$00 e 5$00, num total de 24 selos e que neste momento eleva a 29 os selos daquele novo país. De referir ainda que foram utilizados carimbos nas cidades de Lourenço Marques, Beira, Inhambane, Quelimane e Nampula e que nas sobretaxas se encontram alguns erros nomeadamente de inversão da sobretaxa.

TEMAS FILATÉLICOS – FAUNA

Um dos temas mais apreciados e desenvolvido em filatelia, quiçá o mais vulgarizado, é sem dúvida o que se ocupa de animais. Contribui para este interesse, cremos, a frequência com que aparecem selos abordando o assunto, a beleza que geralmente apresentam e ainda a facilidade em encontrar formas de estudar as diversas espécies. Efectivamente, pensamos que não há filatelista que não possua nos seus lotes, selos que tenham como motivo animais mamíferos, aves, insectos, ofídios, etc. Assim sendo, há a considerar logo à partida vastos campos de aliciantes pesquizas, que permitem especializações, qual delas a mais interessante e adaptável à simpatia e entusiasmo do coleccionador. Trata-se, na verdade, de um tema de muito belo efeito e de mais ou menos fácil desenvolvimento já que, como acima escremos, selos para o tema e suas especializações são frequentes e de fácil aquisição.

G. Brandão
2.º ten. SG

Desporto

A CENTRAL TRANSMISSORA DE MONSANTO CONQUISTOU O TORNEIO DE FUTEBOL DE 5 DA ARMADA

A equipa da Central Transmissora de Monsanto que na final venceu a da Escola Naval A, conquistando o Torneio de Futebol de 5.

A equipa da Escola Naval A finalista do Torneio de Futebol de 5.

Após a disputa de mais de 100 jogos, em que estiveram envolvidas 52 equipas representativas de 32 unidades ou serviços, terminou o Torneio de Futebol de 5 da Armada.

A equipa da C. T. Monsanto, sagrou-se brilhante vencedora do Torneio, depois de ter vencido na final a da Escola Naval A pelo resultado de 2-1, num encontro disputado no complexo desportivo da Base Naval, no Alfeite, no dia 6 de Novembro findo.

Em 3.º e 4.º lugares classificaram-se as formações da Companhia de Fuzileiros n.º 2 e da corveta «Jacinto Cândido», respectivamente.

Disputada a primeira fase do Torneio, ficaram apuradas 20 equipas para a segunda, das quais se classificaram 8 para os 1/4 de final, em que as formações da Escola Naval A, Central Transmissora de Monsanto, Companhia de Fuzileiros n.º 2 e «Jacinto Cândido» eliminaram, respectivamente, Escola Naval B, patrulha «Geba», Instalações Navais de Alcântara e fragata «Alm. Pereira da Silva».

Escola Naval A 4 – CF2 1
C. T. Monsanto V – «Jacinto Cândido» FC

Esclarece-se que a equipa da «Jacinto Cândido» se viu impedida de disputar o seu jogo em virtude de ter de sair para o mar. Óbice das unidades navais...

Finalmente, é com agrado que se regista que o Torneio decorreu com razoável nível técnico, com saliência para as equipas que atingiram os 1/4 de final, bem como o aspecto disciplinar considerado bom.

TORNEIO DE ANDEBOL DA DSEF

Com a participação de 20 equipas representativas de 17 unidades ou serviços começou a disputar-se, no dia 10 de Novembro, o Torneio de Andebol organizado pela Direcção do Serviço de Educação Física, o qual se deve prolongar até ao mês de Dezembro.

Dado que à data em que escrevemos este apontamento ainda não se disputaram quaisquer jogos, no próximo número daremos notícia da forma como decorreu o Torneio.

M. Horta
Sarg.-aj. L

Reportagem

O MINISTRO DA DEFESA DA REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ NA FORÇA DE FUZILEIROS DO CONTINENTE

O ministro da Defesa da República Federal Alemã, Georg Leber, visitou no passado dia 9 de Outubro a Força de Fuzileiros do Continente, onde, acompanhado pelo adido militar Alemão à respectiva Embaixada e outras individualidades alemãs e pelo oficial de ligação capitão-de-fragata Moreira Rato Barreiros foi recebido pelo subchefe do Estado Maior da Armada, capitão-de-mar-e-guerra Adriano de Carvalho e pelo comandante da Unidade, capitão-tenente Reis Rodrigues.

A guarda de honra foi prestada por uma companhia de fuzileiros a dois pelotões que, após a prestação de honras àquela individualidade, desfilou.

Durante a visita foi efectuado um «briefing» na Sala de Operações em que foi descrita a actual organização do Corpo de Fuzileiros, o tipo de actividades em que se vêm empenhando aqueles militares e a forma como decorre a sua instrução e preparação.

A foto publicada refere-se à partida do ministro Georg Leber.

1.º CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM IDENTIFICAÇÃO E INACTIVAÇÃO DE ARMAMENTO E EXPLOSIVOS

No Centro de Instrução de Minas e Contramedidas, do Comando Naval do Continente, no Alfeite, terminou no passado dia 10 de Outubro o 1.º Curso de Aperfeiçoamento em Identificação e Inactivação de Armamento e Explosivos que foi ministrado por pessoal especializado da Armada a elementos do Exército, da Força Aérea, da Marinha de Guerra e da Polícia de Segurança Pública.

GESTO ALTRUÍSTA DE UM OFICIAL DA ARMADA

Os órgãos da Informação do passado dia 13 de Outubro noticiaram que o capitão-de-fragata RA José Francisco Correia Matoso doou aos respectivos moradores as casas que compõem a Vila Cândida, situada na Avenida General Roçadas, em Lisboa.

Transcrevemos, com a devida vénia, a notícia dada pelo «Século», do referido dia:

«Os moradores da Vila Cândida estão em festa. O comandante da Marinha de Guerra José Francisco Correia Matoso, em nome de sua esposa, D. Elsa Sotto Mayor, e dos filhos, fez a entrega da escola primária, depois de completamente remodelada e beneficiada a suas expensas e bem assim de um terreno para parque infantil e campo de jogos aos respectivos moradores.

«Mas não ficou por aí o comandante Correia Matoso. Num gesto perfeitamente revolucionário doou aos moradores de Vila Cândida, constituída por 150 fogos, as respectivas habitações, passando deste modo os habitantes a possuirem casa própria.

«Foi com surpresa e emoção que os moradores receberam estas notícias da boca do comandante Correia Matoso.»

UM OFICIAL DA ARMADA É O SECRETÁRIO DE ESTADO DA DESCOLONIZAÇÃO DO VI GOVERNO PROVISÒRIO

O Presidente da República, general Costa Gomes, em cerimónia restrita, ocorrida oportunamente no Palácio de Belém, conferiu posse no lugar de secretário de Estado da Descolonização ao capitão-tenente João Cristóvão Moreira, que havia sido nomeado para o desempenho destas funções por decreto publicado no Diário do Governo de 14 de Outubro último.

ACIDENTE DE VIAÇÃO JUNTO DO G1EA VITIMOU UM SARGENTO E DUAS PRAÇAS

Um grave acidente de viação ocorrido no passado dia 18 de Outubro, junto do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada, teve consequências funestas para um sargento e duas praças da Armada.

No referido dia, após ter saído daquele Grupo de Escolas, um automóvel conduzido pelo 1.º-sarg. L Venâncio Carlos Palma, o qual transportava ainda as praças 1372/73/2.º-gr. FZ António da Silva Ribeiro e 2392/74/2.º-gr. FZ Anacleto José Anes Fialho, já junto da Escola de Alunos Marinheiros, na Quinta das Torres, foi colidir violentamente com um autocarro que circulava em sentido oposto, transformando-se num montão de ferros torcidos.

Do acidente resultou a morte imediata dos dois primeiros militares, tendo o último falecido na madrugada seguinte no Hospital de S. José, para onde fora transportado.

O sargento Palma desempenhava as funções de fiel externo do G1EA e o grumete Ribeiro as de ordenança à Vila.

A foto que publicamos refere-se ao funeral do grumete Ribeiro, que, como os das outras vítimas, teve as respectivas honras militares da Ordenança.

SESSÃO CULTURAL NO CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA

No dia 18 de Outubro findo, realizou-se no Clube do Sargento da Armada uma sessão de projecção de diapositivos da República Democrática Alemã.

Os diapositivos, da autoria do 1.º-sarg. MQ Artur Lopes Ribeiro, foram obtidos numa recente visita que fez àquele território, integrado numa comitiva do Conselho Português para a Paz Mundial a convite do seu congénere da Alemanha do Leste.

A projecção, que foi acompanhada com comentários feitos pelo sargento Ribeiro, foi agradavelmente seguida pela assistência.

EM FUNCIONAMENTO O 1.º CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS TÉCNICOS

Teve início na Escola Naval, em 27 de Outubro, o Curso de Formação de Oficiais Técnicos (CFOTE).
Este curso substitui o antigo Curso Geral de Sargentos e está estruturado de forma a preencher melhor as exigências dos futuros oficiais oriundos da classe de sargentos.

SESSÃO DO CENTRO DE ESTUDOS DE MARINHA

No passado dia 29 de Outubro decorreu no Museu de Marinha, em Belém, mais uma sessão do Centro de Estudos de Marinha em que o capitão-de-mar-e-guerra Teixeira da Mota, presidente da Secção de História Marítima apresentou uma comunicação subordinada ao título «Acerca de algumas recentes reuniões internacionais de interesse para a História Marítima».
A sessão foi presidida pelo presidente do Centro de Estudos de Marinha, sendo a mesa composta pelo presidente da Secção de Artes, Letras e Ciências e pelos secretários daquele organismo cultural da Armada, vendo-se na assistência vários académicos que fizeram algumas intervenções, entidades civis e militares e outros convidados.

Nas reuniões internacionais que constituiram a essência da presente comunicação foram debatidos numerosos temas e assuntos relacionados com a história marítima portuguesa e a história da cultura em Portugal.

2.º
GRANDE PLENÁRIO GERAL DE PRAÇAS DA ARMADA

No fim do mês de Outubro passado, com a realização do seu 2.º Grande Plenário Geral, as praças da Armada viveram no auditório da Escola Naval, no Alfeite, longas horas de intenso trabalho — reunião de delegados — e algumas de vibrante entusiasmo — Plenário Geral.

Acerca dos assuntos tratados no Plenário foi distribuido aos órgãos da Informação um comunicado do Gabinete do CEMA, que transcrevemos:

«Decorreu nos dias 29 e 30 do corrente, o 2.º Grande Plenário Geral de Praças da Armada organizado pela CDAP (Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças).

«No dia 29 estiveram presentes aos trabalhos cerca de 200 delegados, praticamente de todas as unidades de Marinha no Continente, Açores e Madeira e, à sessão de encerramento, no dia 30, à noite, compareceram perto de 4000 marinheiros.

«Estiveram presentes como convidados, além do chefe do Estado Maior da Armada em exercício, contra-almirante Filgueiras Soares; o Primeiro-Ministro, vice-almirante Pinheiro Azevedo; o vice-almirante Rosa Coutinho e o general Otelo Saraiva de Carvalho, bem como representações de soldados do Exército e da Força Aérea. Estiveram presentes também comissões de trabalhadores e moradores, membros do Conselho da Revolução, dois antigos marinheiros da ORA (Organização Revolucionária da Armada), uma representação da Comissão Nacional de Sargentos, representações de órgãos associativos da Armada e outros convidados.

«No primeiro dia de trabalhos, que decorreu entre as 09.30 horas do dia 29 e as 05.30 do dia 30, os delegados analisaram, debateram e votaram as propostas e trabalhos apresentados, colectivos e individuais, de unidades e conjunto de unidades, pelos trinta oradores que usaram da palavra.

«Neste 2.º Plenário, que decorreu sob o signo da unidade das praças e da firmeza revolucionária da nossa classe, foram analisados e discutidos com particular incidência todos os trabalhos respeitantes à análise da situação político-militar em geral, tendo sido passada em revista também a situação nos Açores e Madeira e as dificuldades causadas pelo imperialismo,na fase final da independência de Angola. Foram também abordados, com natural relevo, trabalhos relativos às actividades da CDAP, estrutura associativa das praças da Armada, quer a nível de trabalhos nos órgãos de direcção, quer a nível do associativismo nas unidades.

«A questão da disciplina revolucionária foi também debatida pelos delegados, tendo os camaradas presentes à sessão de encerramento dado o seu apoio às decisões tomadas no primeiro dia sobre esta e outras questões, nomeadamente a recusa das praças da Armada em permitir a extinção do MFA ou da sua recuperação pelos sectores mais reaccionários das Forças Armadas.

«O Plenário aprovou também, por esmagadora maioria, além de várias propostas e moções, a Plataforma Associativa e os Estatutos Orgânicos da CDAP, a Pro-

clamação das Praças da Armada no 2.º Plenário da classe, ao mesmo tempo que votou a eleição dos órgãos de Direcção da CDAP, Comissão Coordenadora, Secretariado e Comissão Executiva.

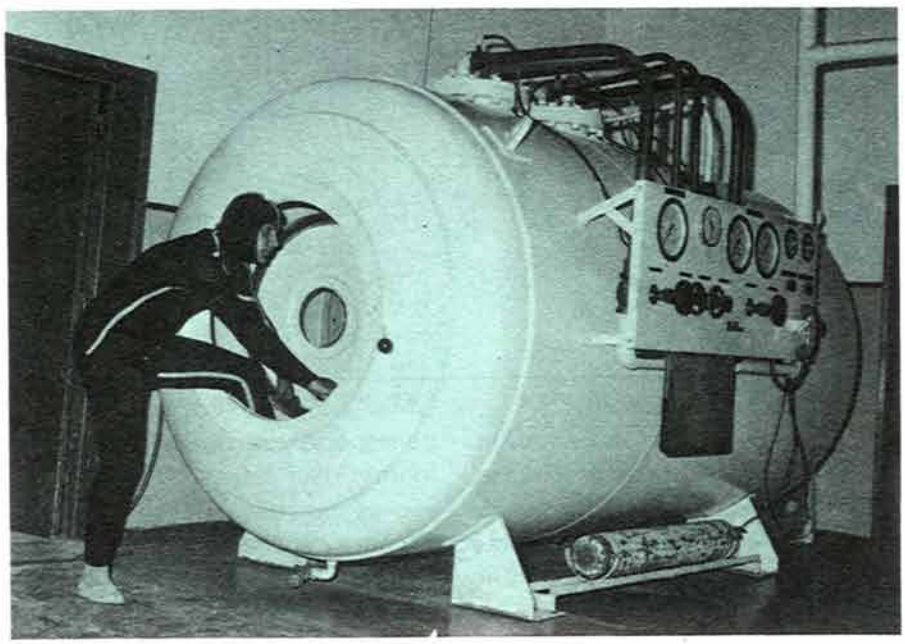
«Considerando a importância das decisões tomadas, foi aprovada a formação de uma comissão com incumbência de, no mais breve prazo, compilar os documentos mais relevantes do Plenário, a fim de que, do seu todo ou parte, seja dado conhecimento ao Povo Português, através dos Serviços de Informação Pública da Armada.

«No final foi aprovado, por aclamação, o termo de encerramento».

Foram eleitas para os órgãos directivos da CDAP as praças indicadas, todas pertencentes à Comissão Coordenadora. As 10 primeiras formam a Comissão Executiva do Secretariado que com as 21 seguintes compõem o Secretariado da Comissão Coordenadora:

Cabo L Oliveira, cabo L Andrês, cabo R Gomes, mar. C Bruno e 1.º-gr. L Brinquete, do Secretariado cessante; cabo C Simões, C. R. de Algés; cabo FZ Varela, da F. F. Continente; mar. E Campos, Inst. Navais de Alcântara; mar. L Carvalho, Ministério da Marinha e mar. Fz Fernandes, Escola de Fuzileiros. Mar. CM Ferreira e mar. C Botto, da C. D. E. A.; mar. L Santos, C. D. M. P. Lisboa; cabo A Ribeiro, Inst. Hidrográfico; mar. FZ Tavares, E. A. Marinheiros; cabo L Mira, Escola Naval; mar. FZ Alves, mar. CM Marques e mar. A Paliotes, Secretariado cessante; cabo L Carmo, direito revolucionário; 1.º-gr. C Ferreira, G1EA; mar. CM Serrano e cabo S Horta, G2EA; mar. CM Ribeiro, Esq. Submarinos; mar. TFD Serra, N. R. P. «Comte. João Belo»; cabo L Ramos, D. S. Abastecimento; cabo L Raposo, N. R. P. «Alm. Pereira da Silva»; cabo L Palma, N. R. P. «Augusto de Castilho»; 1.º-gr. L Nélson, Flot. Patrulhas; cabo FZ Acácio, Escola de Fuzileiros e mar. FZ Conceição, F. F. Continente.

Cabo S Lourenço, cabo CM Oliveira e mar. C Mão de Ferro, C. D. E. A.; cabo T Vala, mar. M Afonso e mar. L Lambert, direito revolucionário; cabo C Luís, Esq. Submarinos; 1.º-gr. L Guerreiro, Escola Naval; cabo ARE Lopes, D. S. E. C.; mar. A Santos, D. S. Armas Navais; mar. CM Roque, Base Naval de Lisboa; mar. R Caldas, N. R. P. «Boavista»; mar. CM Sousa, N. R. P. «Zambeze»; mar. C Paula, N. R. P. «Horta»; mar. M Espada, N. R. P. «Jacinto Cândido»; mar. L Palminhas, N. R. P. «Comte. Sacadura Cabral»; cabo E Peralta, N. R. P. «Baptista de Andrade»; mar. M. Mata, N. R. P. «João Roby»; mar. C Colaço, N. R. P. «Honório Barreto»; 1.º-gr. A Ribeiro, N. R. P. «António Enes»; cabo S António, N. R. P. «Sagres»; mar. CM Gomes, N. R. P. «Pedro Nunes»; mar. CM Monteiro, N. R. P. «Afonso de Albuquerque»; 1.º-gr. E Fino, N. R. P. «Rosário»; cabo L Cesário, Ministério da Marinha; cabo L Agostinho, Ministério da Marinha; mar. FZ Carvalhosa, Inst. NATO; cabo A Teixeira, Museu da Marinha; cabo C Patrício, C. T. Monsanto; mar. C Cepeda, Serviços Externos; mar. C Presunça, C. N. Açores; mar. E Ferreira, C. D. M. Madeira; mar. S Senato, D. M. Sul; mar. M Martins, D. M. Norte; cabo L Soares, mar. H Silvestre e 1.º-gr. Costa, G2EA; 2.º-gr. rec. Martins, E. A. Marinheiros; cabo FZ Ferreira e 1.º-gr. CM Costa, G1EA; cabo FZ Zorra, cabo FZ Madureira, mar. FZ Martins, mar. L Terlim, 1.º-gr. FZ Valente e 1.º-gr. FZ Marques, Escola de Fuzileiros; cabo FZ Figueirinhas, cabo FZ Mendes, mar. FZ Almeida, mar. FZ Godinho e mar. FZ Guilherme, F. F. Continente e cabo FZ Gato, D. S. E. F.



PREPARAÇÃO DE MERGULHADORES-CIVIS PROFISSIONAIS

Na Escola de Mergulhadores encontra-se a funcionar um curso para quatro mergulhadores-civis profissionais, que tem a duração de 6 semanas e para cuja frequência os civis interessados deverão inscrever-se nas capitanias da área das respectivas residências.

Durante a frequência deste curso são ministrados aos alunos conhecimentos das seguintes matérias:

— Mergulho com diversos equipamentos;
— Método de busca e orientação submarina;
— Marinharia e manobra com embarcações;
— Utilização de compressores e ferramentas pneumáticas;
— Diversos trabalhos submarinos envolvendo corte oxídrico e eléctrico., soldadura, cravação e outras operações;
— Emprego de explosivos em demolições submarinas;
— Reflutuações.

Quarto de Folga

A SENHORA, O MARUJO E AS CALÇAS

«Tragicomédia em quase um (desac)acto»

– Seu atrevido! Já uma senhora não pode estar numa paragem de autocarro, que não se metam com ela...
– Mas, minha senhora...
– Não me venha com desculpas tolas. Eu bem o vi aí encostado à parede a mirar-me que nem... que nem um fauno, até arranjar coragem para meter conversa... E o senhor devia respeitar essa farda que traz vestida, pois a Marinha sempre teve tradições de correcção e de respeito...
– Mas, minha senhora, vossa excelência está enganada...
– Estou enganada? O senhor é que está muito enganado comigo, mesmo muito enganado. Sou uma mulher decente, ouviu? E casada. E se é certo que nós, as mulheres, temos um certo fraquinho pelas fardas da Marinha, digamos que pelo tal gostinho a sal, a verdade é que sou casada e...
– Pois com certeza, minha senhora! O caso é que...
– O caso é que o senhor é um atrevido que não pode ver uma mulher vestir à moderna, usar calças, não é verdade?
– Pois justamente as calças...
– Ah!, ainda o confessa, ah, seu descarado! A sua sorte é não passar um superior seu ou um polícia...
– O que para aí vai, minha senhora! Nem eu confesso coisa nenhuma, nem é caso para polícia. Eu só queria...
– O que o senhor queria, sei eu, seu desavergonhado! E se calhar tem mulher e filhos à sua espera...
– Pois claro que tenho, minha senhora! Deixe-me dizer-lhe...
– Não deixo dizer coisa nenhuma. Coisas demais já o senhor disse. Não tem desculpa a forma descarada, direi mesmo doentia, como o senhor estava a olhar para mim, mais propriamente para as minhas... para as minhas calças, com esses seus grandes olhos de doido. Ou nunca viu uma mulher de calças?
– Claro que estou farto de ver mulheres de calças, minha senhora! Mas é...
– Mas é o quê? Tem alguma coisa de especial ou de estranho uma mulher usar calças? A sua mulher não as usa, não é? O senhor deve ser um tipo de marido «antiguinho» que não consente tais «desaforos», está-se mesmo a ver...
– Qual quê, minha senhora! Claro que a minha mulher também usa calças, pode crer. Verdadinha que não são exactamente como as da senhora, são...
– Seu malcriado! Seu inconve-

niente! Que pretende insinuar?
– Não pretendo insinuar nada, valha-nos um burro aos coices! Apenas quis dizer que a minha Francelina é um pouco sobre o forte, mesmo gorda, e, então, usa as calças bastante folgadas, quando não ficaria ridícula. Ora como a senhora usa as calças assim justinhas ao corpo...
– Ah! Agora compreendo... Como uso as calças justas ao corpo o senhor pensou não sei que enormidades e vá de tentar...
– Não é nada disso, minha senhora! É facto que estava a olhar, não o nego, mas a minha intenção...
– A sua intenção é claríssima, meu caro senhor!... Não julgue que não a entendi, até porque, infelizmente, vai para aí muita miséria neste mundo maluco em que vivemos... Mas quero dizer-lhe que sou uma mulher do meu tempo, sem teias de aranha no cérebro, pelo que sei muito bem quando certos marialvas como o senhor...
– Labora num erro crasso, minha querida senhora! Não sou nada marialva. Até nem gosto de toiros, fado-rambóia nem cheirá-lo e a minha Francelina pode dizer-se que é uma mulher livre, dentro de certos limites, é claro... Acontece apenas que as calças da senhora...
– E ele a dar-lhe com as calças! Arre que já é mania! Pouco falta para dizer-me que as minhas calças, por tão justas, o perturbaram...
– Ora aí está, minha senhora! Perturbar, pois! Perturbar é a palavra adequada às circunstâncias... De facto, ao ver...
– Proíbo-o de dizer mais o que for. Ora o desaforo! Já lhe disse que sou uma mulher decente...
– É casada, já o sei, minha senhora! Mas não é nada do que porventura estará pensando, creia! Verdadeiramente apenas pretendo ajudá-la...
– Ajudar-me? Ah, seu malandro, pois atreve-se a sugerir...
– Calma, calma, minha senhora! Quis apenas ajudar no sentido figurado... Na realidade será melhor dizer que queria prevenir vossa excelência...
– Prevenir-me?... Prevenir-me de quê?
– Ora até que enfim... Pois queria preveni-la, minha querida senhora, de que tem as calças descosidas no... enfim, atrás.
(O pano cai velocíssimo, como se o perseguisse o diabo.)

F. A. Santos Coentro
1.º-ten. SE

CONCURSO N.º 51

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

A I C U L X E Z N I T O C Z F H G I L U
X N H T V E L M E T R A L H A D O R A Z
O L I R U N I S M A O C A G I S T O N H
F A N A Z A T R A P I A R O T R A L E V
G L F V I L H A M E C R O L I A M A S A
C H R O A J O B O T O A T E R D U H L G
Z O T I S A U L I E M B Z X O A H N A N
L D O J O T S F R U O I H A N G F U Q U
E A G O B R A I O Q U N Z V I A E P U L
T R N Q U E L H A S N A X A M R A S I B
N S J U S V A P R O I H N L A P U Z N I
A T R I Q U I L A M A L V A D A P S E G
T S L A U Q O G I P R E N I R O T E C O
N H A N I R B U L O C A H L E N O N A R
O P I C H O M I F X H A L A B A R D A T
M V A R A N A C O L A J O U L B R U T A
B J U A L A F O J A L O T S I P U A R T
A O G L A C H U T B A L I S F G Z E O S
R A I Z N E L Z N X V J N E I G A J F E
I S L E M A M M A C H A D O O N T S I B

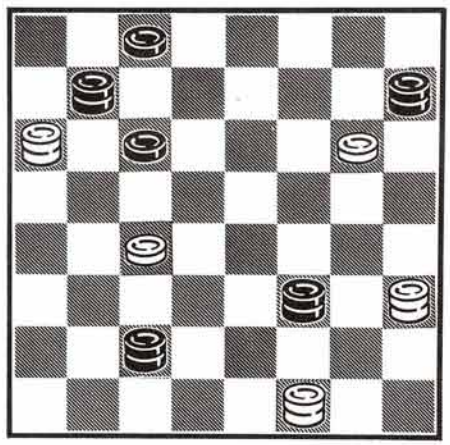
Dedicado a todos os leitores da «Revista da Armada» e, em especial ao comandante Basto Carreira, o grande iniciador deste tipo de passatempos.

Se tiverem paciência, nas linhas horizontais e nas verticais, encontrarão os nomes de 15 armas antigas e modernas.

P. P.

DAMAS

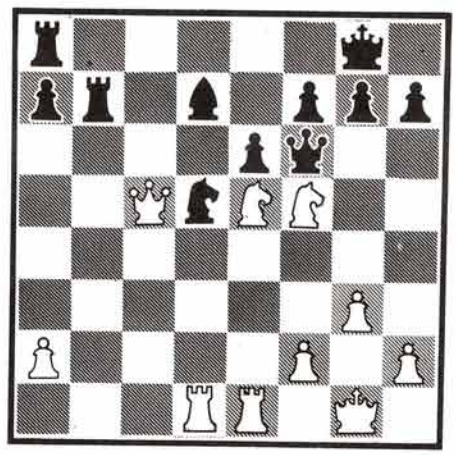
(Solução na página 34)



Jogam as brancas e ganham.

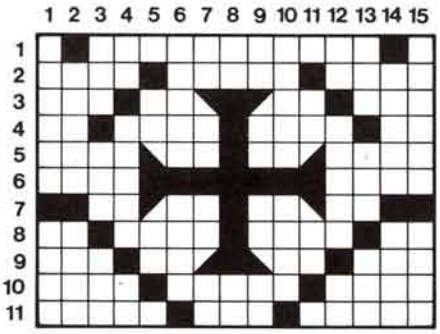
XADREZ

(Solução na pág. 34)



As brancas jogam e ganham.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 – Marcados. 2 – Renque de árvores: classes de mi-litares; ressumar. 3–Região industrial da Alemanha: ant. nota musical; pref. de negação; interpretar um escrito. 4–Artigo (pl.); gostes muito; capacete com viseira; batráquio. 5 – Enguia; sem ninguém; pão de ovos; ratar. 6 – Ir para fora; retumbar. 7 – Basta (inv.); letra grega; batráquio; seguia. 8 – O melhor: nome de mulher (pl.); capas sem mangas; graceja. 9 – Contudo; grito de dor; sufixo de profissão; imensidade. 10 – Aversão; pensa; pano do navio. 11 – Rasga; acusado; cabeça rapada.

VERTICAIS: 1 – Homens ilustres; grande afeição. 2 – Nome de mulher; rio português. 3 – Elemento de composição de palavras com sentido de ar; pedaço de mar; afirmação. 4 – Apelido; artéria principal dos vertebrados; poeira (inv.). 5 – Qualquer; oferece. – Barcos de recreio; parentes. 7 – Número (abrev.); desacompanhado; vogal (pl.); cidade da Caldeia. 8 – Antes do meio-dia; pedestal. 9 – Ali; artigo antigo; letra grega; alternativa. 10 – Albergue; sobrepõe. 11 – Dois mil; atmosfera. 12 – Eles; rezeis; topa. 13 – Ponto cardeal; toa; grande doçura. 14 – Do ar; moi. 15 – Andara à deriva; sairão.

A. Fardilha
Ex-mar. L

N. R.: O presente problema é o primeiro de um conjunto de oito, nos quais é citada a primeira estrofe de «Os Lusíadas». No problema hoje publicado o leitor encontrará, depois de resolvido, o primeiro verso da primeira estrofe do poema supracitado.

SOLUÇÕES

XADREZ

	Brancas	Pretas
1.	T x d5	P x d5
2.	Ce7/Ch	Rh8
3.	D x d5	e ganham

DAMAS

	Brancas	Pretas
1.	2 - 11	7 - 14
2.	15 - 19	25 - 18
3.	9 - 16	14 - 23
4.	16 - 27	31 - 22
5.	24 - 6	e ganham

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Assinalados. 2 –Alea; armas; suar. 3–Rur; ut; im; ler. 4 – Os; ames; elmo; rã. 5 – Eiró; só; ló; roer. 6 – Sair; ecoa. 7 – At; pi; rã; ia. 8 – As; Adas; opas; ri. 9 – Mas; ai; or; mar. 10 – Ódio; supõe; vela. 11 – Rompe; réu; melão.

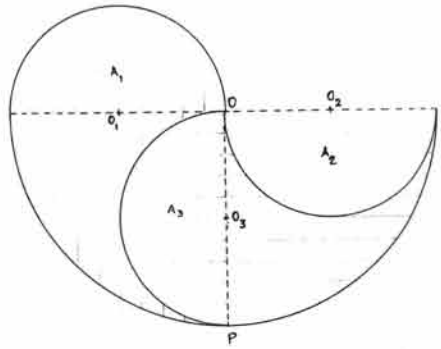
VERTICAIS: 1 – Barões; amor. 2 – Luzia; Sado. 3 – Aer; ria; sim. 4 – Sá; aorta; op. 5 – Um; dá. 6 – Iates; pais. 7–Nr; só; is; Ur. 8–Am; pé. 9–Lá; el; ro; ou. 10 – Asilo; apõe. 11 – MM; ar. 12 – Os; oreis; vê. 13 – Sul; oca; mel. 14 – Aéreo; rala. 15 – Errara; irão.

(«As armas e os barões assinalado»).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 49

O «Malhado», desenhador nato, começou a ensaiar soluções tendo chegado à conclusão de que deveria:

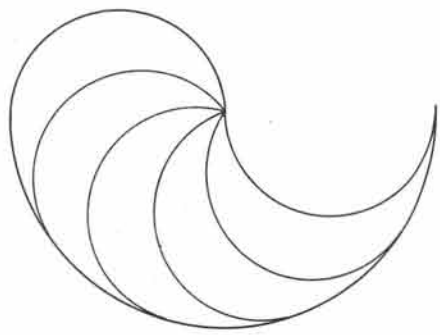
1) Dividir o semicírculo maior em duas partes iguais;
2) Determinar o ponto médio (O_3) do segmento OP;
3) Traçar uma semicircunferência de centro em O_3 e raio igual a O_3 O.



Ao apresentar a descoberta ao irmão, esfregaram as mãos de alegria, restando a dúvida: como justificar ao «Tira-o-pé» que as áreas tracejadas eram iguais?
O «Pirolas» foi então observar cuidadosamente a figura, tendo notado que:

A) Colocando o semicírculo A_1 em coincidência com o semicírculo A_2 obtinha o semicírculo grande cuja área era a mesma que a da figura inicial;
B) podia então dividir o terreno de modo igual (os dois quadrantes);
C) «para compensar o buraco» deixado em A_2 pelo regresso de A_1 à posição inicial, devia juntar-lhe o semicírculo A_3 (cuja área é igual à de A_2).

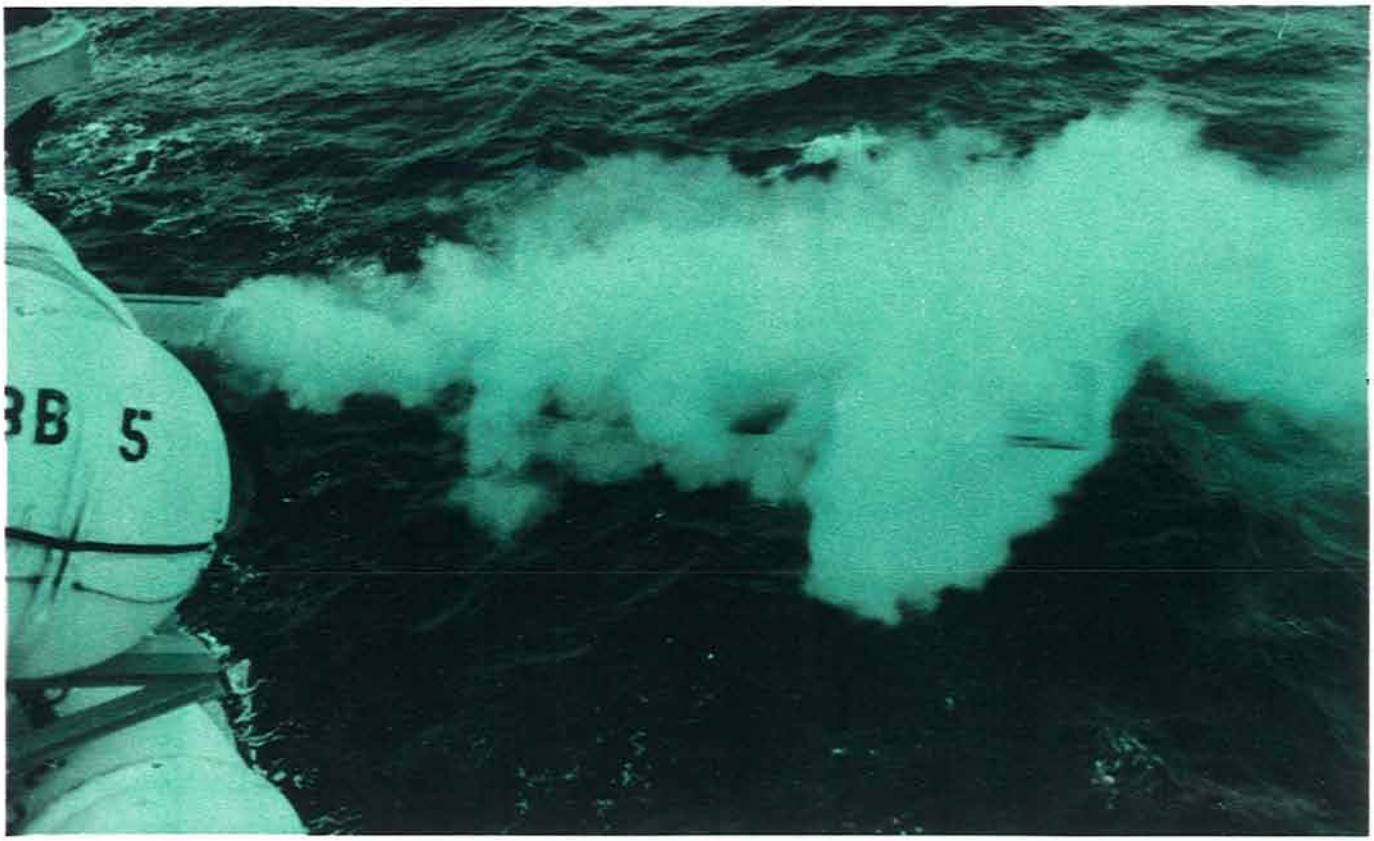
As considerações anteriores permitem uma generalização do problema proposto.
A figura seguinte:



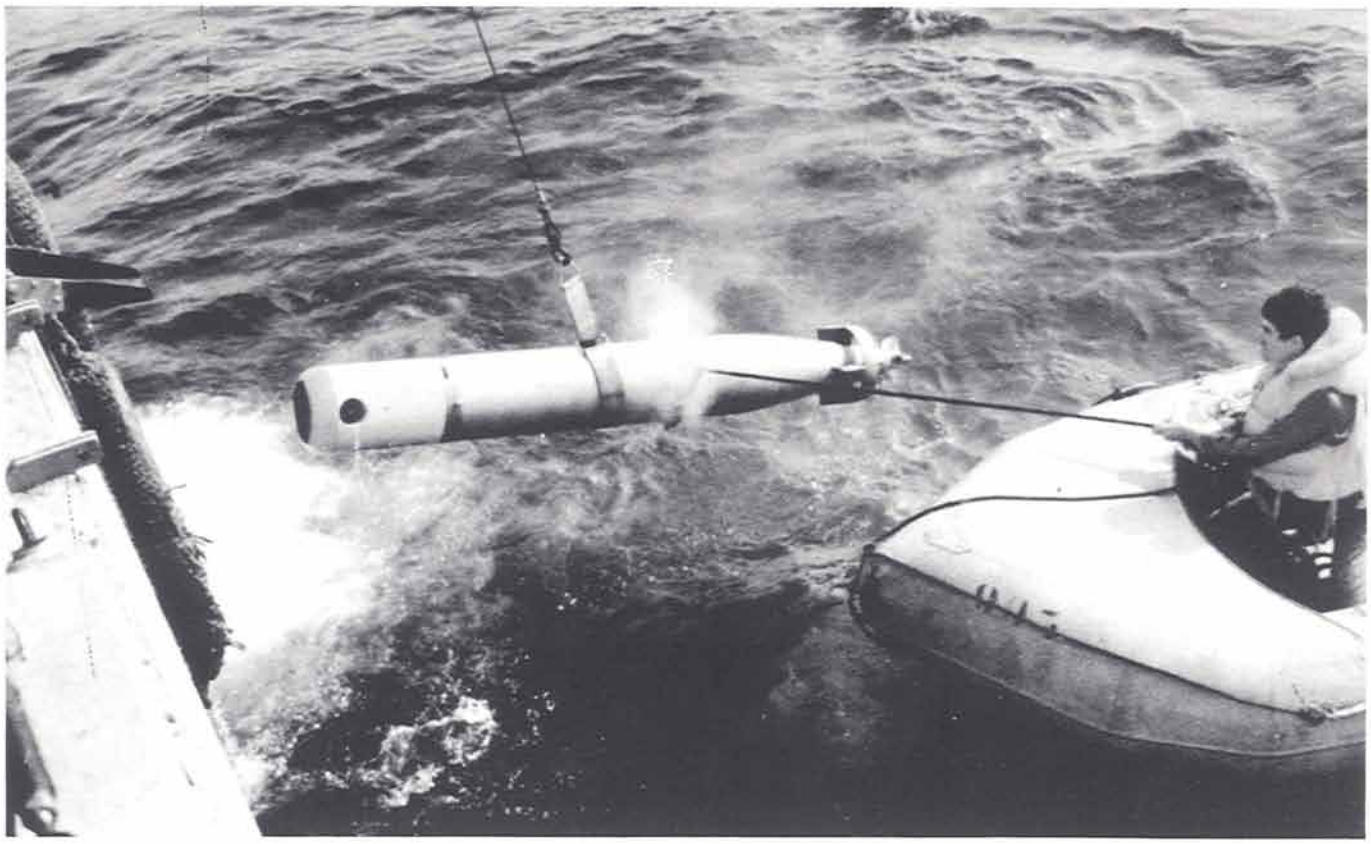
mostra a «concha de Nautilus» resultante da divisão em cinco partes iguais da figura inicial.

V E N C E D O R : Custódio Pinto, mar. C n.º 1658/72.
D. S. E. C. – Oficina de Rádio.

Exercício de lançamento de torpedos



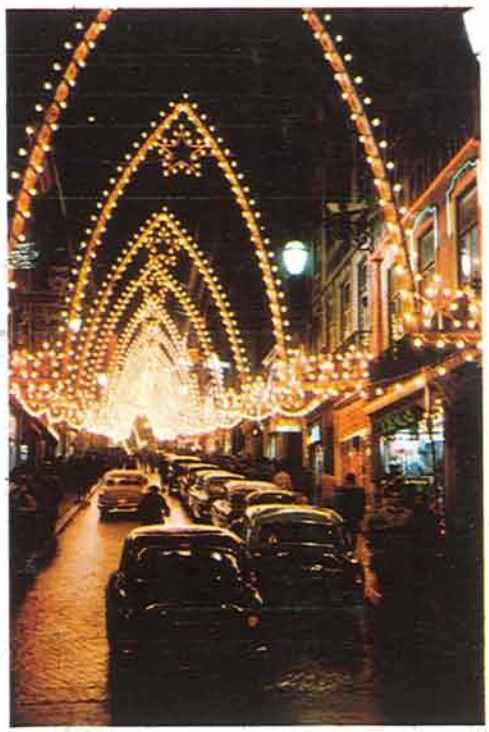
Um torpedo de exercício sai do tubo lança-torpedos do reparo de BB da fragata «Almirante Pereira da Silva» e...



...tal como as balas da «guerra do Solnado» é recuperado (porque vale algumas centenas de contos)

(Fotos do 2.º-sarg. TE António Ribeiro)

BOAS FESTAS



Este é o 5.º Natal e Ano Novo que a «Revista da Armada» festeja. E não pode deixar de o fazer. O Natal é uma festa imorredoira, uma festa de família, profundamente arreigada no coração do nosso Povo. Passam os anos e os séculos, passam as gerações, o Mundo procura em vão a sua felicidade; sucedem-se as guerras, surgem calamidades, há gente que sofre e há quem morra de fome... E o Natal mantém-se como um farol, a mostrar aos homens que eles nasceram para se amar, e não para a luta e para o ódio. E o Ano Novo? Essa é uma festa de outro género. Mais um ano que passou, carregado de ilusões que se desfizeram; mais um ano que vai começar, cheio de interrogações, de incertezas e de esperanças.

A «Revista da Armada» que «pretende cimentar os laços de amizade e camaradagem entre todos que serviram ou servem a Corporação», pede uns momentos de recolhimento e meditação. Servimos uma Armada que tem orgulho no seu passado e fé no seu futuro. Assim saibamos estar sempre unidos, como uma grande família que sempre fomos e havemos de ser.

FELIZ ANO NOVO.